N.º 1 / JULHO 1971 / ANO I

revista da ARMADA

sumário

		Pág.
	Nota de Abertura	3
M. do Vale	**Carreiras que são Exemplo**	4
	A Pátria honrai	6
T. Calhandro (Cabo R.)	**O regresso**	8
	CIÊNCIAS ARTES E LETRAS	
O. Lemos	**Falando de Pintura — O que é o impressionismo**	9
O. Lemos	**Quem foi Stravinsky**	12
	Bibliografia	14
	ULTRAMAR	
S. Machado	**O Ensino no Ultramar**	15
J. Cabeçadas	**Dia da Marinha — 8 de Julho**	18
	ESPECTÁCULO	
S. Machado	**O Mundo do Espectáculo**	21
	Saibam Todos	22
	Reportagem	23
	Desportos	28
	Voz da Abita	29
	Quarto de folga	30
	Notícias Pessoais	33
	No Mundo Aconteceu	34

Guiné — Bailados

REVISTA DA ARMADA

Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone 36 89 60

N.º 1 / Julho de 1971 / Ano I

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:
Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil
(Via marítima) 26$00

Na Capa:

Todos trabalhando pela Armada
de S. Machado

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

Marinheiro

Esta Revista é-te especialmente destinada, embora se espere que ela interesse também a todos quantos além de ti servem a Armada e dela fazem parte: oficiais, sargentos e funcionários civis.
Sendo assim, poderemos desde já passar a designá-la familiarmente pela «Nossa Revista». Boa ou má, porque é nossa, devemos recebê-la com interesse e simpatia e unir esforços para a valorizar.
Que se pretende com ela?
Pretendemos cimentar os laços de amizade e camaradagem entre todos os escalões da nossa hierarquia; pretendemos conversar aberta e francamente sobre os nossos problemas; pretendemos incentivar o amor pela profissão, glorificando os nossos heróis e feitos passados e presentes; pretendemos que os que actualmente servem a Armada se orgulhem do seu passado e com os olhos no futuro, trabalhem para a engrandecer; pretendemos ainda instruir, esclarecer e informar e finalmente, proporcionar um pouco de distracção aos que tiverem a paciência de nos ler.
Ficamos pois à espera da colaboração de todos. Mandem-nos artigos, fotografias, desenhos, narrativas, anedotas... tudo o que quiserem e achem que vale a pena publicar. Mesmo os que julgam não ter jeito para escrever podem colaborar, contando as coisas à sua maneira e pedindo à Redacção para lhes dar forma. Não tenham acanhamento. Colaborem na vossa revista.

Ao sair este primeiro número da Revista da Armada, feita por pessoal da Armada e a ele destinada especialmente, saudamos a Corporação na pessoa do «Marinheiro mais Antigo» o Almirante Américo Thomaz, que tão bem a simboliza na eficiência do seu trabalho e na simplicidade do seu viver; saudamos os camaradas dos outros ramos das Forças Armadas que connosco lutam pela integridade da Pátria e saudamos a Imprensa, na qual pedimos licença para entrar, implorando benevolência para a modéstia com que nos apresentamos.

Carreiras que são exemplo

De grumete a capitão-tenente vai um longo caminho...

Esta história começa numa pequena aldeia da Beira, perdida nos confins da Serra da Estrela.

Certa noite, quando já todos dormiam, naquele sono sossegado que se perdeu com o advento da televisão, dos transistores e de outros instrumentos de tortura que nos deu a civilização, o Sr. Manuel Joaquim e a sua mulher Rosalina acordaram estremunhados com o choro convulsivo de uma criança.

Intrigados, pois não tinham filhos pequenos, levantaram-se e, verificando que o choro vinha de fora, abriram a porta da rua, curiosos. Logo se lhes deparou um cesto com um bebé de poucos dias. Estava bem tratado e muito asseado. A seu lado havia um embrulho com um pequeno enxoval.

Quem o teria ali posto? Quem seriam os seus pais? Nunca se viria a saber!

A seu respeito apenas consta oficialmente o seguinte:

Certidão de Nascimento

«São Cosmado-Victor, exposto: ao primeiro dia do mês de Junho de «mil oitocentos e noventa e quatro», nesta Igreja paroquial de S. Cosme, freguesia das Aldeias, concelho de Gouveia, diocese da Guarda, baptizei solenemente e pus os santos óleos a um indivíduo do sexo masculino a quem dei o nome de Victor, exposto, encontrado por Manuel Joaquim, casado, pastor, morador nesta freguesia, à porta da sua habitação às onze horas e meia da noite do dia vinte e oito de Maio do dito ano, mostrando pela aparência ter quatro dias de idade, e não tinha sinal algum destinativo. A apresentante Rosalina de Jesus não apresentou o enxoval para ser descrito, por já o ter apresentado primeiramente na Câmara Municipal de Vila de Gouveia.

Foram padrinhos Manuel Joaquim, casado, pastor, morador nesta freguesia e Rosalina de Jesus, casada, costureira, natural de Gouveia, ama provisória da criança.

(a) — O pároco, Agostinho Alves Saraiva».

Como o pastor era pobre, a Câmara Municipal de Gouveia tomou conta da criança e entregou-a aos cuidados de uma ama a quem concedeu um pequeno subsídio para as despesas de alimentação e vestuário.

Fazendo recados, apascentando ovelhas e simultâneamente frequentando a escola, lá se foi criando, sabe Deus como.

Aos 10 anos já com a 4.ª classe, empregou-se como marçano em Paços de Sousa e aos 11, como aprendiz de alfaiate em Vila Nova da Serra.

Aos 16 veio para Lisboa, continuando a trabalhar no ofício numa alfaiataria de Campolide.

Pouco tempo depois, por falta de trabalho, foi despedido e regressou a Vila Nova de Tazem.

Da sua curta estadia em Lisboa uma ideia lhe ficou bem arreigada no pensamento: alistar-se na Armada.

Umas almas generosas — que ainda as há — pagaram-lhe as viagens e deram-lhe o necessário para vir assentar praça.

1911. Entrou no Corpo de Marinheiros como aprendiz de clarim, voluntário. Poucos meses depois, levou baixa e ingressou na Escola de Alunos — Corveta Duque de Palmela. Ali frequentou o curso de aluno marinheiro voltando a assentar praça como 1.º Grumete (naquele tempo era assim).

1914. O marinheiro artilheiro Victor Silva era um militar modelo. Sempre impecàvelmente fardado e muito aprumado, era apontado como exemplo. Estimado por camaradas e superiores pelos seus dotes de trabalho, inteligência e disciplina foi subindo até que chegou a sargento.

1925. Apenas mudou de farda. Trocou o alcache e o corpete pela camisa e gravata, mas o homem continuava a ser o mesmo. Exerceu vários cargos com destaque especial para o de instrutor de artilharia na velha fragata «D. Fernando II e Glória».

Quantas gerações de artilheiros lhe passaram pelas mãos e o recordam com saudade como um instrutor competente e compreensivo!

O sargento Victor tornou-se conhecido e respeitado em toda a Armada.

1937. Mais uma vez o Victor mudou de farda. As honradas divisas de sargento foram substituídas por galões de oficial. E pode dizer-se, sem favor que lhe assentaram como uma luva.

Durante muitos anos não se falava em artilharia ou no «Material de Guerra» sem que o nome do Tenente Victor não viesse à baila.

As instalações e serviços a seu cargo estavam sempre um primor de organização e asseio. Dava gosto visitá-los.

As suas funções levavam-no a muitos navios e serviços onde era recebido de braços abertos. Contava por amigos todos os que com ele lidavam e convivia com oficiais de todos os postos e classes entre os quais gozava de invulgar prestígio, sem nunca ter perdido o que conquistara entre sargentos e praças que frequentemente o procuravam e lhe pediam o seu conselho abalizado.

1955. O Tenente Victor foi promovido a oficial superior e toda a Armada rejubilou com o facto. Bem o merecia quem tão bem servia a Armada desde os 16 anos. Tinha agora 59 e era capitão-tenente, o posto máximo da sua classe.

Passou à Reserva poucos meses depois, mas continuou no serviço efectivo.

Na sua folha de assentamentos só há louvores e boas informações.

Nem um castigo ou deficiência a assombrar os seus 43 anos de serviço activo.

1964. O Comandante Victor foi reformado. Embora fora do ramo militar continua a prestar os seus serviços à Marinha, na Escola da Mestrança e Marinhagem.

Embranqueceram-lhe os cabelos e alquebrou-se-lhe o corpo, mas o espírito mantém-se vivo, o porte é o mesmo e o sentido do dever não se apagou.

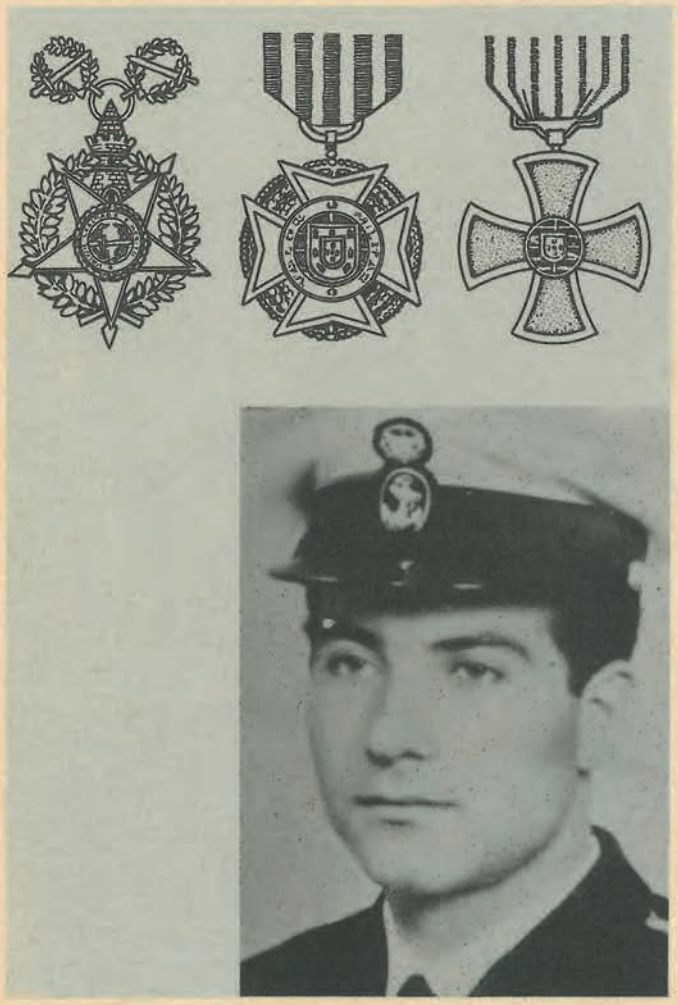
Que me perdoe, se com este artigo vou ferir a sua modéstia mas julgo que a evocação da sua vida pode servir de estímulo aos que querem fazer carreira na Armada.

É um exemplo vivo de um homem que se fez por si, sem ajuda nem amparo.

A sua única família foi a esposa, que já perdeu, e a Armada que tão devotadamente serviu. E só serve assim uma Corporação quem, como ele, a põe acima de tudo e de todos.

M. DO VALE

a Pátria honrai



Foi concedida a título póstumo, a condecoração com a medalha de cobre de Valor Militar com Palma, ao 1.º Sargento Fuzileiro Especial n.º 4882 MANUEL JOAQUIM BORGES, natural da freguesia de Carva, Concelho de Murça, Distrito de Vila Real de Trás-os-Montes.

Na base da concessão desta condecoração está o louvor que lhe foi atribuído pelo Comandante do seu Destacamento e que foi publicado na Ordem da Armada por despacho do Vice-Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada, sendo como segue:

«Morte sem glória é suicídio...

À traição morreu o 1.º Sargento FZE MANUEL JOAQUIM BORGES.

Mas a sua morte foi gloriosa: — Para ele, para a Unidade a que pertencia, para a Corporação de que era elemento constituinte.

Morto traiçoeiramente, sucumbiu no seu posto de homem e de chefe responsável, situação que nunca falseou. Estóica, cônscia e altruìstamente, deu-se à morte como que em holocausto por todos aqueles que o seguiam — toda a Unidade a que pertencia. Da sua determinação, da sua coragem, do seu sangue-frio, resultou mais uma página gloriosa para a Armada Nacional.

Na participação em quase meia centena de combates, batera-se sempre com o inimigo, cara-a-cara.

Recordo, entre muitas, a Operação «NAU». Sob o seu comando, o Grupo de Assalto «DELTA», seguindo na testa da coluna, foi emboscado. Os primeiros tiros do inimigo feriram o homem que marchava à sua frente e mais dois dos que o seguiam. O Sargento BORGES, mercê da sua grande agilidade e robustez física, sem se abrigar e debaixo de fogo, ziguezagueando correu, isolado, para o numeroso grupo inimigo, disparando sempre, acabando por o pôr em debandada.

Lutando desta forma ao longo de vinte e dois meses, sem permitir que o ódio, esse ódio que destrói qualquer vitória, dele se apossasse, morreu da mais odiosa forma: — À traição.

Alertado por uma detonação aguardou, a peito descoberto, que o inimigo se revelasse. Mas, cobarde, odiosa e traiçoeiramente, o inimigo que ele esperava sem receio, não seria senão um terrível e solitário engenho explosivo, colocado no meio do mato por alguém indigno de lutar frente a frente, em igualdade de meios, com esse exemplar e inolvidável combatente que foi o 1.º Sargento BORGES. Todos os que a seu lado combateram o recordam como exemplo de destemor, de audácia, de demonstração viva e determinação, levada ao risco da própria vida. E, quem assim é recordado, não é sòmente um combatente:— É um herói.

Ao abrigo do disposto no Regulamento de Disciplina Militar louvo, a título póstumo, o 1.º Sargento FZE MANUEL JOAQUIM BORGES, pelas provas de extraordinário heroísmo, abnegação, valentia e coragem, sangue-frio e serena energia debaixo de fogo, dadas quando, em cerca de meia centena de combates, pôs em risco e perdeu a sua própria vida.»

Na presente secção, em que consagramos as figuras grandes actuais da nossa Corporação que se distinguem por acções valorosas em campanha, é extremamente grato à «Revista da Armada» recordar nas suas páginas outros tantos dos nossos que, desde o início da luta no Ultramar se destacaram na realização de feitos em combate e cujos nomes se irão sucessivamente registando.

TORRE E ESPADA

Cap. ten. Jorge M. C. Oliveira e Carmo — Índia (1962) — título póstumo

Cap. ten. Guilherme A. Alpoim Calvão — Guiné (1970)

VALOR MILITAR COM PALMA

de Ouro

Com. António da Cunha Aragão — Índia (1962)

Cap. ten. Jorge M. C. Oliveira e Carmo — Índia (1962) — título póstumo

1.º ten. Guilherme A. Alpoim Calvão — Guiné (1969)

1.º ten. António Luís de C. Moitinho de Almeida — Guiné (1968)

1.º ten. José Carlos da Fonseca Pereira Bastos — Moçambique (1970)

de Prata

C/Alm. José Fernando T. de C. Mexia Salema — Angola (1963)

Com. Francisco Ferrer Caeiro — Guiné (1967)

2.º ten. RN Francisco C. Mendes Fernandes — Guiné (1968)

2.º ten. AN RN Alberto Rebordão de Brito — Guiné (1970)

8670/Mar. FZE António Libano de Almeida Pereira — Guiné (1965)

de Cobre

4259 1.º Sarg. FZE Arnaldo D. B. Amante — Moçambique (1970)

4882 1.º Sarg. FZE Manuel Joaquim Borges — Moçambique (1971) — título póstumo

2569 2.º Sarg. M Casimiro S. da Graça — Guiné (1968)

5944 2.º Sarg. FZE José Afonso Neto — Angola (1963)

8744 Mar. FZE João Manuel da Silva Brás — Guiné (1965)

22/64 Mar. FZE José da C. G. Talhadas — Guiné (1970)

696/65 Mar. FZE Manuel Maria Viana — Angola (1969)

O REGRESSO

O táxi parou alguns metros antes da porta. António pagou a corrida, desceu, e recebeu das mãos do motorista a sua pequena mala. Olhou para casa com um sorriso amplo. Nada tinha mudado. As casas eram as mesmas, talvez mais descoloridas, mas as mesmas. Ao fundo, a ponte, a igreja, o pequeno café, onde algumas vezes entrara, não muitas, porque os seus magros proventos não lhe permitiam mais. A mulher dos jornais, mais velha, parecia já não ter forças para lançar o seu pregão. O eléctrico passava ronceiro e barulhento. Os passageiros amontoavam-se para conseguir um lugar, e até no rosto passivo do velho condutor se adivinhavam as palavras, sempre as mesmas, que pela força do hábito diria a seguir: — Cheguem à frente, por favor.

Recordava-se também de uma lágrima furtiva que não pudera reprimir, quando há dois anos, por esta mesma rua, se encaminhava a passos vacilantes para o navio que poucas horas depois o levara para longe.

Mas agora, sentia-se feliz por regressar a casa, passados dois longos anos. O seu coração batia com uma força louca, como se lhe quisesse saltar do peito.

Dois anos não era nada na vida de um homem, mas ele sentira esta ausência, mais que nenhuma outra.

Pela sua mente começaram a desfilar, então, os acontecimentos já passados. Via-se ainda no navio, sacudido pelo constante baloiçar, ouvindo os anseios de cada um, as asneiras, as correrias, os gritos e um sem fim de tropelias, e recordou como se sentira velho e sem paciência para aturar essa mocidade tão diferente de quando ele também fora moço.

Foram dois anos de sofrimento, rodeado de homens, cada qual com a sua história, mas que a todos era preciso ouvir e compreender. Tantas vezes se tentara isolar, sofrendo sòzinho as saudades que o consumiam pela mulher e pelos filhos ausentes. Por eles e para eles se ausentara.

Queria dar-lhes a instrução que lhe faltou e com a qual poderiam lutar por um amanhã melhor. Um amanhã sem privações, sem ausências, dolorosas como as dele, tantas vezes incompreendido, e obrigado a recalcar o seu orgulho ferido pelos homens. Quantas vezes cantava e ria sem que os outros pudessem sequer pensar que dentro de si rugia um vulcão, onde os mais díspares sentimentos se chocavam.

Lembrava a sua filhinha, tão perto agora, quando no adeus da despedida, agarrada ao seu pescoço, perguntava: — Paizinho, voltas logo? — Sim, filha, o pai voltará. Enganara um dos seres que eram a razão da sua existência, mas a vida adversa não lhe permitira outra coisa.

Alongou novamente a vista pela rua e lembrou-se de vizinhos e pessoas com quem privara, e para quem cada ausência sua, era mais um passeio turístico, eles que jamais tiveram que se afastar dos seus. Poderiam eles algum dia dar valor e compreender o seu sacrifício? Não, para eles que nunca tiveram necessidade de se ausentar, que nunca sentiram a dor da saudade dos entes queridos, não pensam sequer que o marinheiro pudesse ter um coração tão sensível como o deles.

Eles passavam junto de si, saudando-o, desejando-lhe um regresso feliz. Palavras hipócritas, só palavras ocas!

Eles, indiferentes, no seu afã louco, perdiam-se lá na curva da rua, esquecidos já do António, que a passos lentos se aproximava agora de casa. Parou uns segundos diante do último obstáculo... a porta. Faltava-lhe a respiração. Apenas um, dois segundos, sòmente necessários para controlar os nervos excitados, para atenuar um pouco o bater desordenado do seu coração.

Eles estavam ali, naquela casa. A sua mulher, os seus filhos, todo o seu mundo e a única razão da sua luta na vida. Tudo o mais esqueceu.

De repente, sem saber como, sentiu que as lágrimas lhe corriam pelo rosto. Sim, chorava, e apenas porque uns pequeninos braços de criança lhe davam as boas-vindas.

T. CALHANDRO
Cabo R

(1.º Prémio da modalidade «Conto» dos Jogos Florais de 1970 do N.R.P. «Comandante João Belo»).

falando de pintura

o que é o Impressionismo

Muitas pessoas, ainda que de certo nível cultural, empregam, por vezes, termos ou designações cujo significado não conhecem inteiramente. Desta forma, arriscam-se a cometer erros que seriam evitáveis se tivessem tido o cuidado de se documentarem e esclarecerem. Como o saber não ocupa lugar, vamos hoje falar de uma palavra que, se alguns conhecem bem, outros haverá que a desconhecem ou têm do seu significado uma vaga ideia. Trata-se de «Impressionismo». O movimento artístico assim designado iniciou-se por volta do último quartel do século passado. A sua expressão mais gritante deu-se precisamente na pintura, mas cedo influenciou também outras artes como a escultura e a música, por exemplo.

O contributo dado à pintura pelos cultores deste estilo foi enorme e correspondeu a uma autêntica revolução estética. Como é natural, foi mal aceite pelo público e pela crítica de índole conservadora. A França, nomeadamente Paris, foi o terreno onde o Impressionismo ganhou fundas raízes, irradiando daí, como árvore forte e fecunda, para outros meios artísticos.

Que tinha de especial a nova maneira de pintar? Se observarmos a pintura anterior, fàcilmente nos damos conta de que ela era «fabricada» em «ateliers», quer pelo tipo convencional de iluminação, quer pelo colorido. O Romantismo, com as suas variantes

Ingres (1828) — Interior de Harém

naturalista e realista, tinha atingido o extremo das suas possibilidades figurativas, com exigências mais que fotográficas. Tinha sido atingida a perfeição formal, dentro dos padrões aceites. Essa pintura é ainda a única que muita gente considera como válida, por não exigir qualquer esforço da parte de quem vê. Ante o «Ângelus» de Millet e as «Ninfas» e «Odaliscas» de Ingres, o espectador menos evoluído sentir-se-á admirado e rendido pela «perfeição» do trabalho realizado. Idealizou-se o objecto e transportou-se para uma atmosfera morna e envolvente que, ao fim e ao cabo, não tem correspondência com a realidade... Por estranho que pareça, o «Impressionismo» procurou essa realidade — a verdadeira realidade — e quando a transcreveu através de criações artísticas, o comum dos mortais não se deu logo conta dela. A realidade tinha sido já deformada por séculos de gosto artístico esteriotipado e quando os «impressionistas» trouxeram para a rua os seus cavaletes e pintaram o ar e a luz que envolvem os objectos, a maioria das pessoas negava que o ar e a luz existissem daquela maneira. A novidade foi, mais que qualquer outra coisa, a cor. Analisaram-na por todas as formas, cientificamente até, e tiraram as suas conclusões. A «forma» passou a valer menos do que a cor e esta foi muitas vezes empregada para traduzir aquela. O uso do negro foi quase abandonado porque o negro não é cor. As próprias sombras têm mais de azul e anil do que de negro. Já repararam, por exemplo, na sombra de um beiral sobre uma parede branca? Essa tarja sombreada não é cinzenta como muitos poderiam imaginar. É fundamentalmente azul, de mistura com a cor que constitui a parte de baixo do beiral.

As coisas têm aspectos diferentes consoante a luz que as ilumina e desde manhã até ao pôr-do-sol e da Primavera ao Inverno, os cambiantes são inúmeros. O pintor colhe a visão ocasional do motivo, necessàriamente fugaz como a hora que passa.

O nome «impressionismo» resultou de uma espécie de insulto. Monet expôs em 1863, no «salão

Manet (1872) — Impressão

Manet (1881) — Primavera «Retrato de Jeanne»

dos recusados», juntamente com outros pintores da nova «escola», um quadro a que chamou «Impressão». Esse quadro representa um pôr-de-sol reflectido num trecho de água. Céu e água estão pràticamente confundidos na mesma neblina azulada que atenua a crueza do vermelho do globo do sol e da correspondente esteira luminosa. Alguns mastros e vultos de barcos são apenas esboçados, mal saindo da névoa. Tudo está pintado com pressa num anseio de não perder aquele momento, como se daí a pouco fosse já impossível recriá-lo.

O quadro só terá de extraordinário isso e ficou célebre mais pelo episódio da caracterização da nova escola do que pelo valor intrínseco que, apesar de tudo, tem. Quem hoje o vê, acha-o um quadro normalíssimo! Os pintores do novo estilo foram apodados de «impressionistas» a partir de então... e orgulhavam-se disso.

Monet era um malabarista da cor e entretinha-se a pintar o mesmo motivo em ocasiões diferentes, fixando-lhe a diversidade das aparências.

À esquerda:
Monet (1894) — Catedral de Rouen

Ficou célebre a sua «série» da Catedral de Nôtre-Dâme que pintou a várias horas do dia, construindo a forma através da cor. O monumento aparece envolto numa atmosfera que ficou no quadro e que é mais evidente que a própria estrutura do edifício. Os «impressionistas» trabalhavam a luz nas suas componentes elementares que vão do azul ao vermelho, passando pelo amarelo. Alguns mesmo, como Seurat e Pissaro, foram até ao extremo de a «sintetizar» a partir de pequenos pontos de cores fundamentais, colocados perto uns dos outros, de forma que a vista efectuasse, por si, essa síntese. Alcançavam assim uma luminosidade e vibração nunca antes conseguida. Eram os «puntilistas».

A figura, o nu ou o retrato deixaram de evidenciar aqueles tons cálidos de alcova ou a iluminação artificial dos salões convencionais para se revelarem em todo o esplendor da luz natural.

É claro que, muitas vezes, essa luz é indiscreta e põe a descoberto, de forma chocante, tristes realidades que o espírito burguês tolera mal... Apesar de tudo, Manet, Monet, Renoir e Degas, não se afastaram muito (para nós que os vemos agora a anos de distância) dos padrões formais da pintura anterior. Cézanne, Lautrec, Gauguin e Van Gogh afastaram-se bem mais da tradição e só bastante mais tarde foram compreendidos. Van Gogh não conseguiu vender, em vida, quadros que hoje valem uma fortuna. A ousadia destes pintores e o uso «sem medo» que faziam do amarelo valeu-lhes a alcunha de «fauves» como se de animais selvagens se tratasse...

Cézanne (1866-67) — Retrato do pai do artista

Para fazermos uma ideia das diferenças entre a pintura anterior e a «impressionista» basta dar uma vista de olhos pelo Museu de Arte Contemporânea e ver como pintavam Columbano e Malhoa e passar depois ao Museu Gulbenkian e apreciar as obras de Manet e Monet pertencentes à sua colecção. Será certamente uma ronda proveitosa que aconselhamos a todos aqueles para quem a Arte não é uma coisa vã.

Passarão a conhecer um pouco melhor o que foi o «Impressionismo». Hoje, nenhum pintor poderá prescindir, no domínio da cor, dos ensinamentos dessa «escola».

O. LEMOS

Stravinsky,
visto por Pablo Picasso

quem foi Stravinsky

Em Abril passado, faleceu Stravinsky. O músico compositor mais significativo deste século desapareceu da cena musical contemporânea. Ele, que não a obra! Essa perdurará para sempre, como símbolo de inovação, vigor, modernidade e bravura.

Nascido na Rússia, no século passado (1882), conheceu e privou com várias gerações de músicos e múltiplas escolas e estilos.

Ele havia de permanecer diferente, no entanto, marcado pelo génio, recebendo de todos mas sem ficar igual a nenhum deles. Aqueles que se esforçaram por lhe copiar o estilo não conseguiram ser «stravinskyanos», pela simples razão de que a maneira de compor de Stravinsky, revelava mil facetas e particularidades que eram o seu cunho pessoal. Ele permaneceu portanto único no seu estilo e raramente se copiou a si próprio. Poucos compositores, se é que algum, terão dado à música contemporânea um contributo tão grande como o que lhe deu Stravinsky. Teve a grande vantagem de morrer velho, com todas as faculdades despertas para a arte dos sons até aos últimos anos da sua longa vida. O nosso tempo beneficiou dessa feliz circunstância. Ainda num recente Festival de Música Gulbenkian pôde ser presenciado por muitos, dirigindo obras suas.

Se trouxemos às páginas da nossa revista o nome de Stravinsky é porque julgamos de interesse que todos conheçam esse homem insigne. O saber não ocupa lugar... Se, para muitos, os ouvidos continuam fechados para outra música que não seja a «ligeira», cumpre-nos no entanto, dizer que existe uma outra música, de maior valia, que merece ser escutada. Apesar de haver muito boa música ligeira, ela não consegue, em regra, vencer o tempo. Alguma coisa nova que aparece, enche os programas das emissoras durante quinze dias ou um mês e, atingida a saturação, ficará no completo esquecimento ao fim de um ou dois anos. A outra música — a que se costuma chamar erradamente de «clássica» — poderá exigir um certo esforço inicial de educação e um certo trabalho de estudo até à sua compreensão. No entanto, compensará todo esse esforço porque a sua beleza nunca se esgota. O tempo não a destrói nem a vence.

É certo que Stravinsky não seria, talvez, o compositor mais indicado para um começo de contacto com a música erudita. Ele escandalizou com as suas obras muita gente culta e apreciadora da boa música. Apesar de tudo, também esses o não compreenderam inicialmente... As primeiras obras do mestre, reflectem a sua

formação russa (Rimsky-Korsakov, autor da Scheherazade foi seu professor). Absorveu as inovações do impressionismo musical, criado em França por Debussy e Ravel e transposto para a Rússia por Moussorgsky — o autor de Boris Godunov. Seduzido pela nova arte, vem fixar-se em Paris onde contacta intimamente com esse mágico da arte do bailado que foi Diaghilev. Esse encontro foi providencial para Stravinsky e para o mundo da música. O ballet russo apresentava então o que de mais requintado se «fabricava» como espectáculo. Stravinsky cria, para o bailado, a música colorida do «Pássaro de Fogo», no estilo impressionista, e esse fantástico «Petrushka», atirado já, todo ele, profèticamente, em direcção ao futuro da música. Mas Diaghilev era um mago, um génio das artes, neste princípio de século. Imagina um bailado com qualquer coisa que evoque a própria raiz do Homem; algo de primitivo como a Terra. Idealiza uma festa pagã, algures nos alvores da Humanidade — festa de propiciação ao Deus da Primavera, fecundadora da Terra. E o jovem músico compreendeu a ideia e ficou impressionado por essa imagem do sacrifício de uma rapariga que dança até morrer extasiada pelo clamor de uma assembleia primitiva reunida em torno de um círculo de sábios anciãos. E nasceu então essa obra fundamental do nosso século — «Sagração da Primavera» (Sacre du Printemps), talvez a primeira obra musical verdadeiramente moderna. O ritmo é explorado aqui de uma forma bárbara, todo cheio de desencontros e instabilidades, criando um ambiente de rudeza e primitivismo espantosos. A orquestra é tratada de forma até então insuspeitada. Metais, madeiras e percussão, são reis nesta música. Os doces violinos e violoncelos perderam o prestígio de que gozavam até ai.

Noite de 28 de Maio de 1913! Estreia-se em Paris o bailado «Sacre du Printemps». Mas, talvez seja melhor deixar falar, acerca dessa noite célebre, um dos categorizados espectadores:

«Não eram decorridos muitos minutos, já os protestos, comentários, risos e chistes enchiam a sala. Uma parte da audiência era abalada por aquilo que considerava uma blasfémia e uma tentativa no sentido de destruir a arte como tal. Salvo um ou outro momento de acalmia da música, a orquestra tocava sem que se pudesse ouvir. O jovem sentado atrás de mim, num camarote, levantava-se de vez em quando para poder ver melhor o decorrer do ballet. Incapaz de dominar por mais tempo a excitação que o tomava, começou a bater-me com os punhos no alto da cabeça, ao ritmo da música. E o clamor continuou a crescer cada vez mais. Uma senhora levantou-se do lugar para esbofetear um cavalheiro que, perto dela, pateava. Saint-Saens (compositor francês) declarou que Stravinsky era um «aldrabão» e o mesmo pensou o crítico André Capu. Ravel, por sua vez, garantia que se tratava da obra de um génio. O embaixador da Áustria ria alto e descaradamente e Florent Schmitt chamava-lhe estúpido. A princesa de Pourtalès levantou-se, sobranceira, do lugar e exclamou: Tenho 60 anos mas foi a primeira vez que alguém ousou tomar-me por tola. Por fim Debussy pedia à audiência, em tom patético, que se conservasse calada para se poder ouvir aquela maravilhosa música.»

E foi assim que naquela noite, um auditório de gente pretensamente culta acolheu a «Sagração da Primavera», essa composição que é hoje universalmente aceite como obra-prima.

Isto obriga-nos a uma reflexão acerca dos juizos críticos que muitas vezes fazemos sem termos bases suficientes para nos pronunciarmos.

Não se julgue que a música desse famoso bailado perde interesse separada da dança. Ela afirma-se justamente como música em si, e, é hoje em dia mais tocada do que representada. Os

Stravinsky ladeado pelo Senhor Presidente da República e pelo Senhor Dr. Azeredo Perdigão

seus primeiros acordes são a alvorada de uma nova era para a música.

De França, Stravinsky passou à América. Aí, analisou o «jazz» e colheu dele aquilo que de interesse tinha para a sua música. Por fim, fixou-se definitivamente nos Estados Unidos. Agradava-lhe esse país cujas experiências culturais não eram estorvadas por tradições rotineiras.

Experimentador infatigável, tentou todas as possibilidades que lhe pareceram válidas. Escreveu, por exemplo, uma sinfonia só para instrumentos de sopro... Nunca se achava satisfeito! Tratou os coros como ninguém o fizera antes. A sinfonia dos Salmos é disso um exemplo. Para o fim da vida, compôs alguma música sacra, da qual despe todo o sentimentalismo, para se quedar na essência. Muitos preferem a sua primeira música à dos últimos tempos. Stravinsky, então, comentava: «Se desagradei aos meus auditórios por me ter afastado da música colorida do «Pássaro de Fogo», paciência! O que me delicia, deixa-os indiferentes, e o que continua ainda a interessá-los, já me não atrai. Nesse particular, acredito que só raramente tenha havido verdadeira comunhão de espírito entre nós.» A atitude desses outros não conseguirá demovê-lo do caminho que traçou. «Não cederei diante daqueles que, em sua cegueira, não compreendem que o que me pedem é que eu retroceda.» Muitos auditórios, no entanto, o vieram a compreender e a aplaudir. Conheceu em vida a verdadeira consagração. Morreu com 89 anos e quis que o enterrassem num cemitério de Veneza, junto do grande amigo de outrora — Diaghilev. Pelas naves da Igreja de S. João e S. Paulo, ecoaram os acordes e coros de uma das suas missas, durante o serviço religioso sufragando a sua alma. A gôndola, pejada de flores, que o transportou através dos canais da cidade desde essa igreja até à última morada, veio pôr um toque romântico no final de uma vida que nunca transigira com o romantismo.

O. LEMOS

bibliografia

O Ministério da Marinha promoveu a reedição de algumas obras antigas de indiscutível valor e de actual interesse para nós, marinheiros. Desta forma conseguirá fazer chegar aos olhos do maior número possível de pessoas os textos que até aqui constituíam, alguns deles, quase raridades bibliográficas. As obras até agora editadas são:

A ARTE DA GUERRA DO MAR, da autoria do padre Fernando Oliveira, livro precioso quer pela actualidade dos seus antigos conceitos, quer pelo espírito e humor da prosa.

OS FACTORES IMPONDERÁVEIS DA GUERRA, da autoria do vice-almirante Alfredo Botelho de Sousa, livro cheio de conceitos doutrinários, de natureza formativa e cuja leitura todo o chefe terá interesse em fazer.

NARRATIVAS NAVAIS (I e II partes), da autoria do contra-almirante João Brás de Oliveira, livro recheado de episódios da nossa história marítima, cuja leitura é um prazer, tão fortes e vividas são as imagens, na prosa do almirante Brás de Oliveira.

O comandante Joaquim Costa publicou, há pouco, mais um livro seu — SALTOS DO VENTO.

Trata-se de uma colectânea de contos navais, oferecendo retalhos flagrantes da vida de bordo, em narrações e motivos humanos cheios de interesse, onde se sente a vivência real dos factos que se contam. O estilo cativante do comandante Joaquim Costa é uma garantia para o leitor que procure ocupar o seu tempo em leitura amena e interessada.

O comandante Jacinto Pereira publicou recentemente um livro a que chamou DEZ HISTÓRIAS DE AMOR E DESENCANTO. São, na verdade, pedaços de vida que o autor, na fluência do seu estilo, caracterizou com agudeza e nitidez, por forma a interessar-nos na sua narrativa. Retalhos do dia-a-dia, com seu quê de angústia e de patético, o livro pode dar-nos umas horas de leitura descontraída.

LIVROS RECENTEMENTE APARECIDOS

(ESTE) ROSTO, de Fiama Hasse Pais Brandão (Poesia).

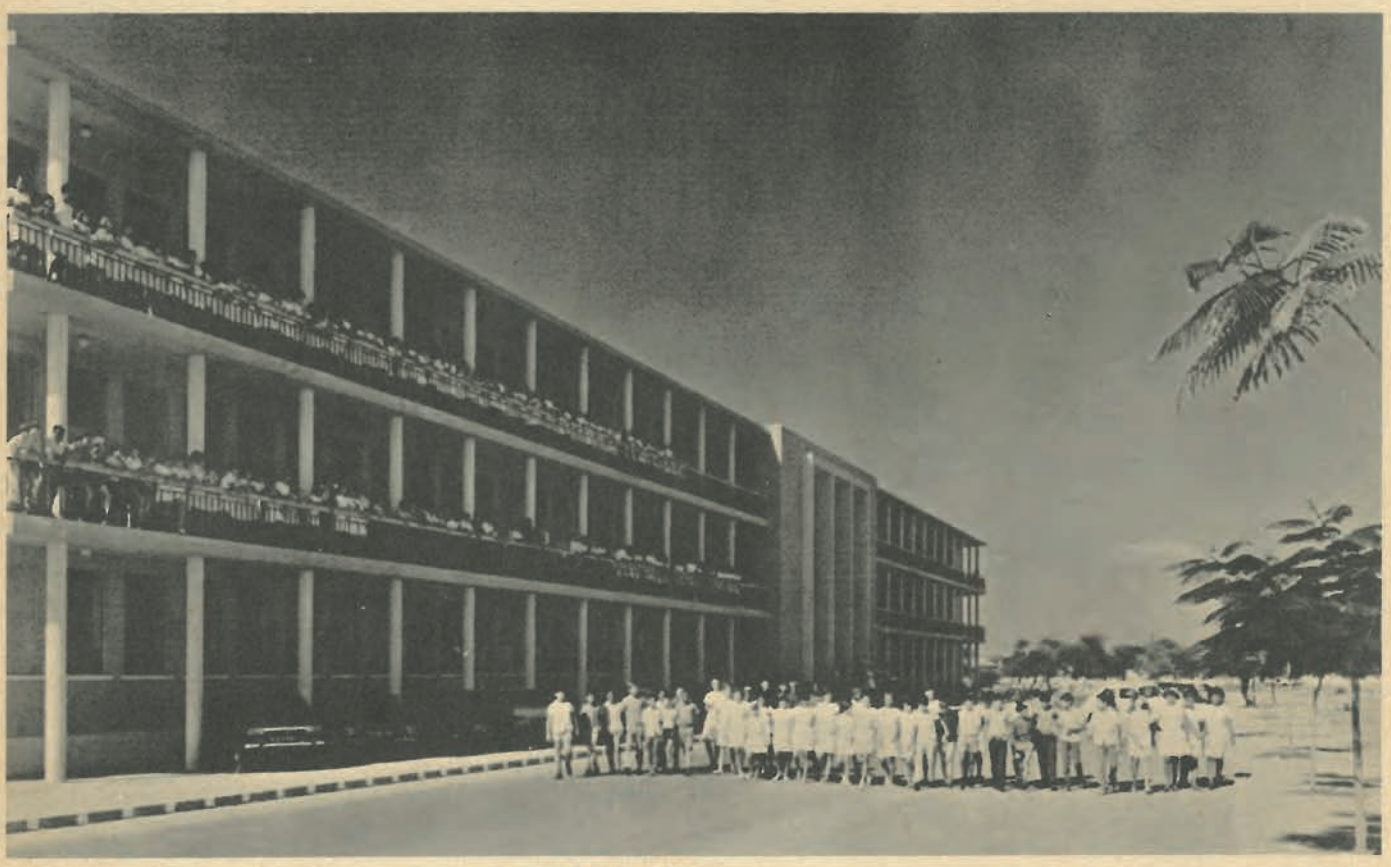
POEMAVRA, de José Valle de Figueiredo (Poesia).

NOS SEUS OLHOS DE SILÊNCIO, de António Ramos Rosa (Poesia).

RUMOR BRANCO, de Almeida Faria (Romance).

A LEBRE, de Álvaro Guerra (Romance).

AMBAS AS MÃOS SOBRE O CORPO, de Maria Teresa Horta (Romance).



Liceu de Benguela

O ENSINO NO ULTRAMAR

O desenvolvimento da capacidade criadora, inventiva, de simples resolução acertada, oportuna e proveitosa, pressupondo a paralela conformação e exercitação hábil de inteligência susceptível do maior rendimento, é função do fenómeno social da educação, bem como, passe o trocadilho, da educação do fenómeno social. Da infância, desde o berço, diríamos, que o ser humano é educado: pelos pais, primeiro, nos jardins de infância em seguida (quando os há), depois nas escolas elementares, médias, superiores, depois ainda, na própria vida, a educação, representa cada dia muitas horas de aquisição de conhecimentos, de criação de hábitos de adequação à vida social decorrente, de refreamento imposto ou consciente de atavismos condenados, de exercitação de capacidades. Tudo isso é, na verdade, educação, em termos de léxico e de trazer por casa.

Tem-se considerado, ao nível da formação do indivíduo como elemento social produtivo, ser a despesa pública de educação o investimento de maior rentabilidade. Aqui caberia, como discussão não de todo insólita, o que se pode entender por elemento social útil, olhos postos na formação, por exemplo, de um militar, na medida em que este se pode considerar produtivo dentro da sociedade de consumo dos nossos dias. Mas ficará para outra ocasião. De momento partamos apenas da grande verdade de ser a educação toda a estrutura-base do nível de produção dum povo que o situará em determinada classificação de tabela, como nos campeonatos de futebol, e de tal forma que, sendo dos últimos, dos lanternas vermelhas, se qualificará inevitàvelmente na chamada segunda divisão, para aqui designada, como é corrente, em lista de subdesenvol-

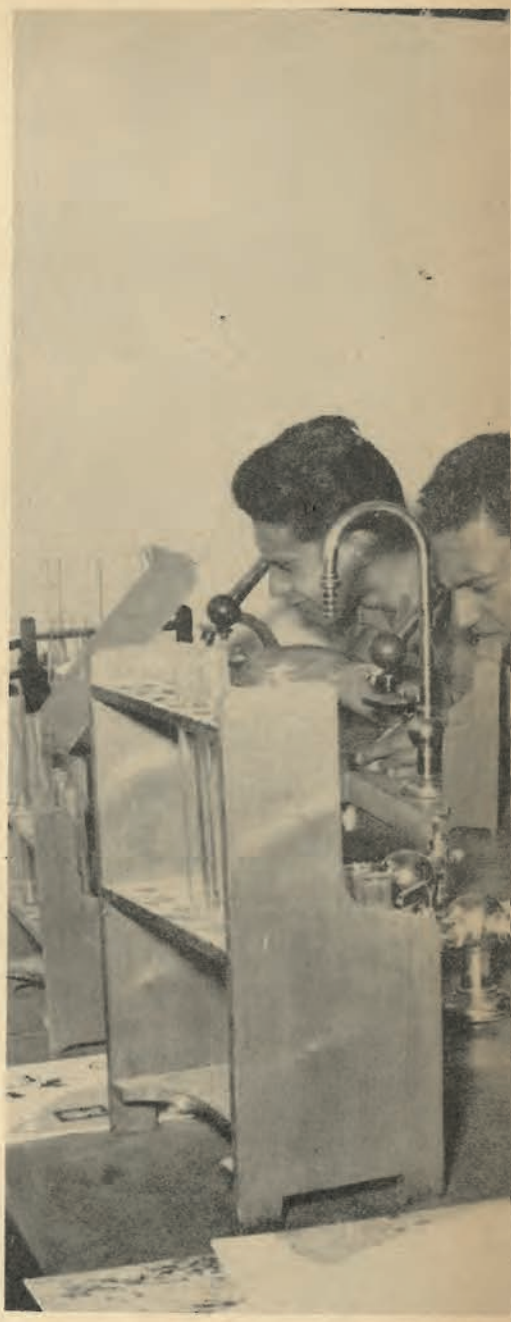
vidos. Diz-se que o dinheiro é «a mola real da vida», e é; a capacidade de dispender esse dinheiro, dá-nos de certo modo, o nível de vida do povo — é certo; mas para conseguir esse dinheiro, só há um caminho — a produção pessoal de riqueza. Quando cada um tenha consciência esclarecida de que produzindo mais, mesmo para o patrão, ficará não só o patrão mais rico, mas também ele próprio (numa sociedade em que os responsáveis da administração cuidem da justiça repartitiva), o povo terá maior soma de bens disponíveis, e meios de os adquirir.

Até isto mesmo, esta tomada de consciência, se esclarece com a educação.

Dissemos que desde o berço o homem começa a educar-se. É verdade. As primeiras palavras, ambiente de família, exemplo dos pais, a própria habitação, a observação do mundo em horizontes largos e de convívio são, ou na acanhada e triste vida de bairro de barracas entre gente suja e marginal, tudo modela nos espíritos receptivos da criança, como em facre mole, virtudes ou estigmas que o acompanharão pela existência. Daqui que se estendam as preocupações da educação, antes de mais, à criança. Mas há o rapazinho já feito, enraízado sabe Deus como (paciência...), mas requerendo conhecimentos técnicos, ginástica a dar-lhe desenvoltura de raciocínio, capacidade de realização de tarefas, de todas as tarefas, desde o tratar mais produtivamente terras para maior e mais rica produção de alimentos, ao erguer de paredes para melhores habitações, à investigação laboratorial da vida para melhor saúde, e tudo isto — maior abundância de alimento, melhor habitação e mais saúde — tudo isto se atinge com a educação. A nível mais alto, da formação dos dirigentes da grande empresa, do estudo da valorização económica, do estabelecimento de mais justa satisfação colectiva dos anseios sociais, pois para esses voos mais altos das inteligências capazes, também as escolas adequadas — as Universidades.

A grande procura dos meios e das vias de educação, como resultado duma consciêncialização mais generalizada das suas virtudes e da sua indispensabilidade, vem-se propagando, como fogo em palha seca, a todos os povos. Em África, continente a que se tem chamado negro, mais talvez pela escuridão tradicional de culturas — a olhos de ocidentais — que pela cor melanodérmica dos seus filhos, conheceu, desde certas atribuições de cidadania, mesmo anteriores a hipotéticas fórmulas de autodeterminação política, autêntica corrida às fontes de instrução, requeridas onde o conhecimento de seus méritos trazia esperanças novas a espíritos inquietos, desejadas, onde chegava a notícia de querenças alheias, incentivada e respondida, enfim, nos limites do maior esforço, pelos governantes atentos e responsáveis.

No Ultramar português, geogràficamente condicionado a desenvolvimento progressivo da costa para o interior, excluídas ilhas ou territórios menores, foram as zonas rurais ou cidades em recente formação que mais espectacularmente acusaram o surto de alastramento extensivo dos meios de educação, nalguns pontos pouco mais profundo que o ensino da língua portuguesa, mas esta já de si bastante para justificar investimentos aparentemente onerosos. Claro que as Universidades de Luanda e Lourenço Marques, de instituição também recente, onde se ministram os conhecimentos de elevado nível para formação de médicos, engenheiros, agrónomos, veterinários, matemáticos, economistas, químicos, biólogos, geólogos, assistentes sociais e pedagogos, são a cúpula duma instrução técnica que aquelas terras com as suas enormes potencialidades e riquezas de há muito exigiam, tanto mais quanto se denota ainda pouco compreensível retraímento de técnicos saídos das Universidades do Portugal europeu descerem a latitudes tropicais. Mas não só as Universidades são úteis,



Escola de Regentes Agrícolas em Sá da Bandeira

como brilho de fogo de artifício em que a base mais obscura se torna por isso mesmo menos admirada. Em todos os estabelecimentos de ensino médio, comercial, industrial, agrícola, de magistério primário ou normal, e social, no ensino secundário, liceal, técnico-profissional, do ciclo preparatório ao de formação de quadros, e até no ensino profissional elementar, ensino artístico e eclesiástico, o empolamento dos números estatísticos dos dez últimos anos só não é surpreendente para quem viveu a ânsia de manifestação incontida de aprender de toda uma sociedade onde não há distinções de cor, nem de origem, e só as naturais limitações que demoram gerações a modificar (aceleradas, aliás, pela actual revolução), condicionam, vinculando grupos económicos menos favorecidos a estádios menores de progresso.

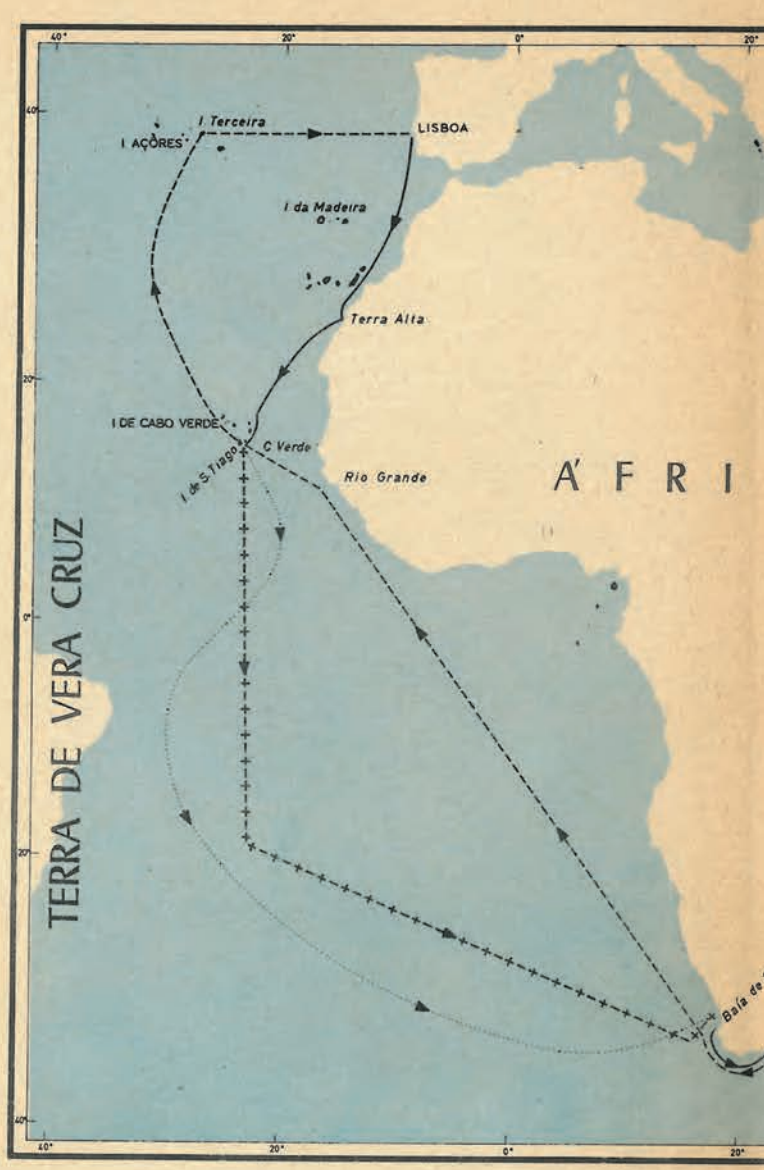
Nos 27 liceus de Cabo Verde, Guiné, Angola, Moçambique, Macau e Timor, nas 72 escolas preparatórias das mesmas províncias, nas suas 38 escolas técnicas, no ensino primário onde a sigla «a escola à sanzala» viu a mais promissora realidade, nos estabelecimentos de ensino particular, religioso e superior, que, em 1961, se contavam por um total de 8152, com 15 195 professores e 685 024 alunos, temos hoje, em cifras arredondadas, 11 mil institutos de ensino, com cerca de 30 mil professores e perto de um milhão e meio de alunos.

Algures, nos confins de Angola, satisfazendo pedidos de pequenas povoações onde apenas uma dúzia de crianças seriam contempladas, saindo portanto cara a instrução que se lhes levava, erguia-se escola de pau-a-pique, dava-se professor ou conseguia-se o magistério voluntário de elemento compreensivo das forças armadas; vinham depois os pais requerer do Governo que lhe fosse paga a «cedência» do filho para ir à escola; era lógico; o filho deixava de prestar aquela cota-parte de serviço doméstico, de guardar gado, ou outra, qualquer que fosse, passível de contabilização no «deve e no haver» simples da família. Custava explicar-lhe o benefício muito maior, para o peticionário, para o filho, e para a nova sociedade, de a criança obter os conhecimentos escolares que a tornassem elemento válido no futuro; mas conseguia-se; e não raro outras crianças de 5 a 10 quilómetros de distância passavam a vir à escola, e os pais a trazerem frangos, ovos e outros mimos, ao professor. Até cantinas, conseguidas pelo tributo de alguns sacos de milho particulares, a palamenta e outra ajuda do Governo, eram réplicas de uma autenticidade de compreensão social tão elevada — ou mais — que as imensas cantinas de instituição (e manutenção) oficial, espalhadas por milhares de outros estabelecimentos de ensino.

E assim, da sanzala, às urbes dos arranha-céus, o ensino no Ultramar está constituindo a estrutura mais sólida do melhor futuro daquelas terras.

S. MACHADO

DIA DA MARINHA



O Despacho Ministerial N.º 89, de 12 de Setembro de 1969 (O.A./1.ª Série, n.º 60/17-9-969), fixa o dia 8 de Julho como o «Dia da Marinha», nos seguintes termos: «O Dia da Marinha passa a ser comemorado anualmente no dia 8 de Julho, data da largada do Tejo da Armada de Vasco da Gama para o descobrimento do caminho marítimo para a Índia.»

Ao comemorarmos, pois, esta data, julgamos oportuno tecermos algumas considerações à volta do acontecimento que ela assinala.

Quando o século XV estava prestes a terminar deram-se «duas grandes revoluções marítimas» — a descoberta da América e a ligação do oceano Atlântico com o Índico, realizada pelo grande navegador Bartolomeu Dias e pouco depois consagrada pela viagem de Vasco da Gama.

As nossas descobertas, ao longo da costa africana, davam a sensação de que tudo até então se descobrira ou era terra inabitável ou selvagem.

E por isso, talvez, o grande público não desse aos descobrimentos todo o seu valor. Mas, com a chegada da Esquadra de Vasco da Gama a terras da Índia, a uma região cheia de tradições e de riquezas de toda a ordem, realizando o contacto entre duas civilizações, esse acontecimento provocou profunda emoção e perspectivas de grande actividade comercial.

D. Manuel I ao vislumbrar todas as possibilidades comerciais da descoberta do Caminho Marítimo para a Índia, escrevendo aos reis Católicos, dizia que se poderia fazer comércio de forma a «largamente poder prover toda a cristandade desta parte da Europa das ditas especiarias e pedrarias.»

O nosso Rei Venturoso sente que o descobrimento interessa a todo o mundo ocidental, bem como vê nele a possibilidade de uma vitória sobre o Islã.

Vasco da Gama nem sempre tem sido devidamente apreciado pelos historiadores, tanto nacionais como estrangeiros, porquanto, pretendendo eles exaltar os feitos de Bartolomeu Dias ou de Cristóvão Colombo, caem em fazerem referências menos justas às qualidades daquele navegador.

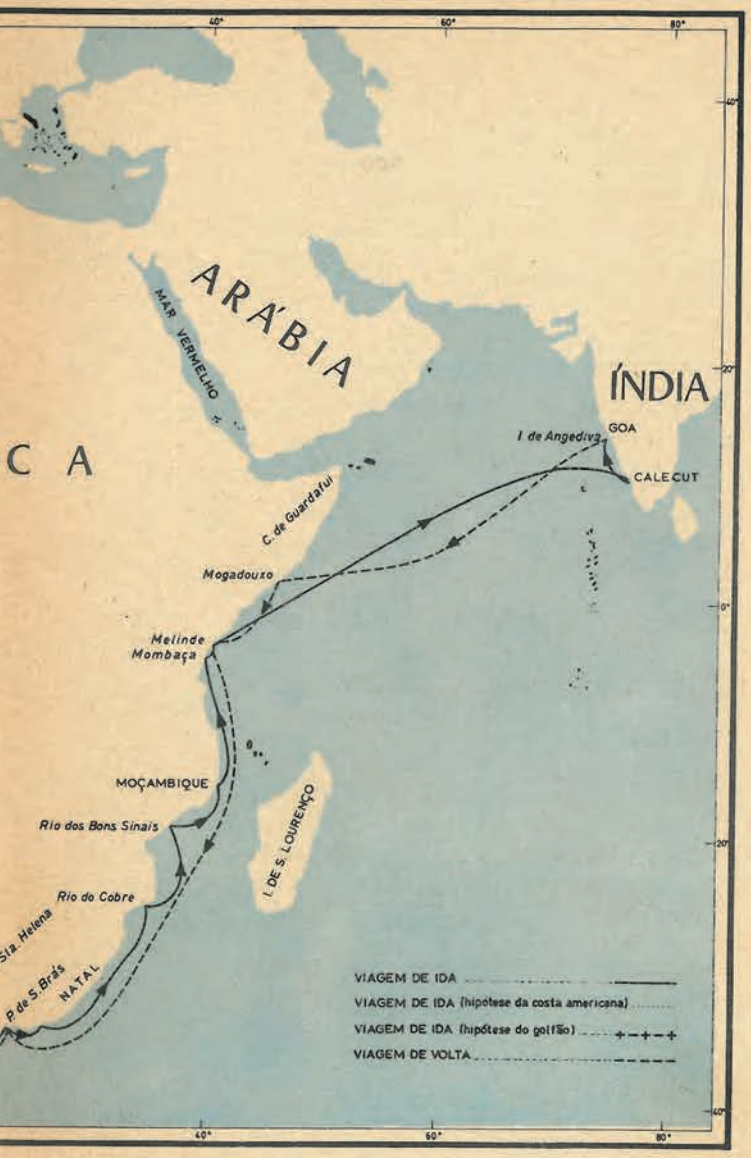
Os documentos da época afirmam-nos que, na realidade, o Gama era um homem «prudente de bom saber, de grande ânimo para todo o bom feito» (1), virtudes estas que poderemos traduzir como sendo um homem de temperamento prático, sólido, realista.

Quanto à sua competência, em assuntos náuticos, também há quem duvide da sua sabedoria. Pedro Moniz, nos Diálogos de Vária História, afirma que Vasco da Gama «era curiosíssimo, de arte marítima e tão douto e diligente nela que podia competir no entendimento e cuidado de suas cousas com os mais experimentados pilotos da Europa» (2).

(1) G. Correia — *Legendas da Índia*, tomo I, parte I, cap. V.

(2) Diálogo IV, cap. XIII.

8 de julho



Esquema das derrotas da viagem de ida e volta, de Lisboa à Índia, de Vasco da Gama (1497-1499) segundo elementos do Comandante Fontoura da Costa.

O facto de Vasco da Gama ter sido escolhido para assumir o Comando da Armada que o levou à Índia, tarefa de tão grandes responsabilidades, é a prova de que o Rei tinha plena confiança nos seus conhecimentos náuticos, bem como nas suas qualidades de Chefe. Não é crível — acentua Latino Coelho — que o soberano fosse dar o comando a «um mancebo de vinte e oito anos, se dele não tivesse a opinião de que era um navegante experimentado e sabedor...» (3).

A viagem de Vasco da Gama foi uma empresa que exigiu estudo, organização, método, pois teve que combinar elementos anteriores, notícias, tentativas, hipóteses, etc., para atingir uma grande finalidade. Foram de dois longos anos esta expedição, tendo chegado a navegar três meses a fio sem ver terra — desde a Ilha de S. Tiago (Cabo Verde) até à Baía de Santa Helena (Cabo da Boa Esperança). Na viagem de regresso, no golfão do Índico, gastou três meses menos três dias. Para se apreciar da precisão dos conhecimentos náuticos de Vasco da Gama e dos seus pilotos, apenas narramos este episódio, a que faz referência o Almirante Gago Coutinho, um dos maiores especialistas de todos os tempos em assuntos náuticos: Vasco da Gama teve de «buscar um ponto definido depois duma derrota indirecta de duas mil léguas apenas guiado pelos astros» e ao chegar «passados três meses de viagem, sem ver terra, à baía de Santa Helena — que ainda hoje conserva este nome, desembarcava com o astrolábio grande e concluía que faltavam trinta léguas para o Cabo. Não chegaram a errar duas léguas» (4).

Ninguém ignora quanto aquela expedição do Gama exigiu de sofrimento e de energias de toda a ordem. Foi uma viagem muito dura e trabalhosa. Pela primeira vez se regista a doença do escorbuto, com todo o seu cortejo de dores. Isto significa que houve naquela viagem, tanto na ida como na volta, graves deficiências alimentares, pois o escorbuto é provocado por falta de vitaminas.

Viveram-se momentos trágicos. Na viagem de retorno, toda a tripulação adoeceu. Na travessia do Índico, naqueles três meses, lançaram-se ao mar trinta cadáveres. Segundo os cronistas, apenas regressaram a Lisboa um terço dos homens que fizeram parte daquela expedição.

A viagem de Vasco da Gama não foi uma aventura, como por vezes se julga. Foi devidamente preparada. O Conde de Ficalho (5) escreve a este propósito: «Vasco da Gama não foi vagamente enviado à busca da Índia, foi directamente dirigido a Calecut. Barros diz muito claramente que ele levava o seu

(3) Latino Coelho — *Galeria de Varões — Vasco da Gama*, 2.° parte, pág. 21.

(4) *O Roteiro de Vasco da Gama e a sua versão nos «Lusiadas»*, pág. 45.

(5) *Viagens de Pero da Covilhã*, pág. 120.

regimento, as informações e avisos que El-Rei D. João tinha havido daquelas partes e cartas para o Prestes João das Índias e para o rei de Calecut. Pelo caminho foi constantemente perguntando por Calecut. Em Moçambique soube por um mouro velho como dali a Calecut seria caminho dum mês. Pediu pilotos não para a Índia em geral, mas para Calecut em especial...».

Tudo isto significa que a viagem tinha uma finalidade bem determinada, que havia um porto a atingir e, portanto, quanto mais limitada era a região a atingir, mais difícil seria encontrá-la, o que, naturalmente, exigia uma navegação mais consciente, mais meticulosa.

Vasco da Gama não tinha a expedição facilitada, apesar de ter muitos elementos em seu poder, muitos conhecimentos. O longo caminho a percorrer, atravessando zonas de ventos quase constantes, zonas enervantes e desconcertantes de calmarias equatoriais, até às regiões das monções e às dos tufões, que surgem de um momento para o outro, navegando, portanto em zonas de condições meteorológicas desconhecidas, exigia que soubesse apreender essas condições e coordenar os elementos imprevistos. Acrescentando a estas dificuldades meteorológicas, havia ainda a existência das correntes marítimas. O que é certo, é que Vasco da Gama ignorava totalmente os segredos do oceano Índico, desconhecia os ventos que lhe serviriam para uma navegação adequada naquele mar, isto é, o regime das monções.

E o que dizer da traiçoeira costa de Moçambique? Nesta parte do percurso, Vasco da Gama conheceu as maiores dificuldades em navegar, não só por se tratar de uma região marítima dificílima, como também por causa das tempestades violentas em que se viu envolvido.

As dificuldades não foram apenas as dos elementos da Natureza, o desconhecido mar Índico, mas teve que suportar as oposições, de toda a ordem, dos próprios homens. Até então nenhum navegador encontrou tantas dificuldades da parte dos habitantes que iam descobrindo, como as que Vasco da Gama enfrentou. A partir de Moçambique teve de manter uma luta pertinaz contra traições de toda a espécie e uma oposição comercial e até religiosa perfeitamente organizada.

Na costa Oriental da África dominavam os Árabes, na Índia também os Muçulmanos imperavam comercialmente e, portanto, compreende-se que eles vendo na Armada de Vasco da Gama novos concorrentes, provocassem toda a espécie de dificuldades e de intrigas contra os Portugueses. A inteligência e a vontade férrea de Vasco da Gama triunfaram sobre todos os ardis e ciladas com que os inimigos pretendiam embargar-lhe o caminho e desempenhar-se da missão em que fora investido.

O que Vasco da Gama realizou — chegar ao Oriente, à terra das riquezas — foi a grande aspiração da maioria dos descobridores, foi o grande sonho náutico da Europa. Mesmo depois da viagem de Vasco da Gama muitos tentaram uma solução diferente, uma solução mais rápida. Pouco importa que tivessem posto como objectivo imediato a Índia, a China, as ilhas das especiarias... No fundo o problema é o mesmo. Atingir o Oriente foi o desejo de João Vaz Corte-Real, de Vespúcio, Pizon, Solis, Magalhães, João e Sebastião Caboto, Verrazano, Roberto Thorne, Martim Frobisher, Davis Hudson, Baffim...» (6).

O grande rival de Vasco da Gama não foi nenhum navegador. Foi Lesseps, o engenheiro que realizou o Canal do Suez. Mas, manda a verdade que se diga, que se não fosse a viagem de Vasco da Gama, a Europa não teria firmado a sua supremacia sobre o Islã, e, portanto, não teria sido possível o Canal do Suez.

A Europa cristã via-se a braços com o poderio turco-árabe, o qual tentava estrangulá-la.

A presença portuguesa no Norte de África, a nossa supremacia nos mares do Oriente, bem como as nossas praças fortes dominando grandes regiões da mesma zona, provocaram o recuo das forças turco-árabes, que estavam prestes a aniquilar a Europa cristã e, assim, salvámos a chamada Civilização Ocidental.

A descoberta do Caminho Marítimo para a Índia teve inúmeras consequências, as quais e as mais importantes, o professor Mário de Albuquerque resume desta forma:

I — Demonstrou a conexão dos três grandes continentes do velho mundo — Europa, Ásia e África.
II — Consagrou definitivamente o rumo do sul para a navegação, como Colombo consagrara o rumo do Oeste.
III — Permitiu a vitória da Europa sobre a Ásia, a vitória do mundo cristão sobre o mundo muçulmano.
IV — Revolucionou as vias comerciais do velho mundo.
V — Democratizou os produtos orientais.
VI — Mudou o eixo da actividade comercial do Mediterrâneo para o Atlântico.
VII — Contribuiu poderosamente para definir o espírito oceânico da cultura moderna.
VIII — Contribuiu largamente para a formação do novo espírito científico.
IX — Deu à língua portuguesa uma formidável irradiação.
X — Pela consciência duma missão a cumprir, do dever, elevou-nos espiritualmente.

(6) *História da Expansão Marítima do Mundo* — Vol. II — pág. 64.

XI — Contribuiu bastante para a expansão da nossa vida e da nossa literatura.

XII — «Os Lusíadas» não se concebem sem a Índia, e sem «Os Lusíadas» o nosso património literário e moral ficaria infinitamente menos rico.

Eis, pois, os grandes motivos históricos que nos assistem para celebrar o «Dia da Marinha», no dia 8 de Julho, dia do início da grande jornada que nos levou até à Índia. Esta viagem, nas suas consequências, deve a Portugal a consciência duma missão universalista, a qual, ainda hoje, é uma grande realidade sob muitos aspectos; foi e é uma das grandes causas da nossa coesão nacional, fonte de um patriotismo superior, o qual implica a «ideia duma grande missão histórica, duma vasta projecção humana».

J. CABEÇADAS

---

espectáculo

o Mundo do Espectáculo

No princípio era o verbo, quer dizer, era o teatro. Já no século quarto antes de Cristo, em hemiciclos ao ar livre, se representavam as célebres tragédias das festas Dionisíacas: máscaras exagerando estados de emoção, espaços limitados, pouco movimento, a palavra a preencher a essência da comunicação. Depois, na Idade Média, foi a representação nos templos, posta ao serviço da Igreja. De origem popular nasceu a comédia ambulante, de feira ou palácio, com tipos convencionais, miniaturizada talvez nos actuais bonecos de gerifalte. Foi o Renascimento, enfim, que nos trouxe os primeiros teatros cobertos, a casa do espectáculo que evoluiu, com pequenas sofisticações técnicas, até às que conhecemos.

Depois do teatro, pode dizer-se que já em nossos dias, apareceu a imagem fotorregistada para sequente projecção em superfície lisa, parede ou pano, a iludir existência de palco de acção, porém com a liberdade de registo em grandes ambientes naturais, impossíveis de reproduzir nas estreitas dimensões de cenários e bastidores, capaz também de exibir em ampliação enorme os traços de um rosto ou a expressão de um olhar; daqui que se dispense a máscara, a veemência do gesto, e até pela capacidade sugestiva de situações e movimentos, a própria palavra. É o cinema, a arte da imagem por essência.

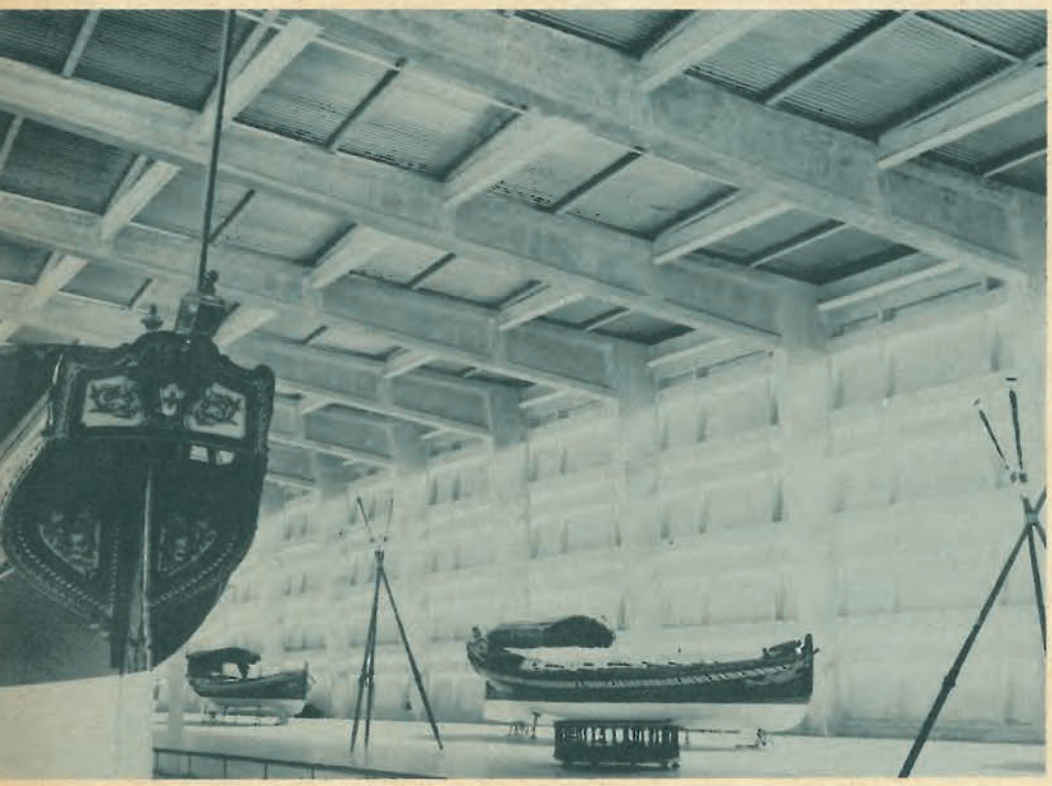
E depois, ainda, foi a electrónica a decompor a imagem num rapidíssimo ponto mais ou menos luminoso, transmitido até nossas casas, onde o podemos apreciar projectado na fosforescência de uma calote rectangular de vidro, pequena janela onde o cinema e o teatro e todos os acontecimentos do mundo nos são servidos, deixando-nos usufruir o conforto das pantufas, o aconchego da casa, quando lá fora chove ou neva, ou faz calor. Foi a televisão.

A sequência é também desafio. Progresso é a destruição de qualquer coisa que se ultrapassa, mas é também qualquer coisa que se conquista. O cinema destronou o teatro, como a televisão destronou o teatro e o cinema. Mas ao desafio responde-se com novas energias, com a afirmação e exploração de capacidades próprias. E a verdade é que o teatro passou a afirmar-se mais profundamente pela presença viva, a tirar vantagem do calor humano em mensagem pessoal directa; o cinema ganhou na apresentação do grandioso e espectacuar; a televisão beneficia de nos trazer sem desconforto a notícia, o acontecimento, até o teatro e o cinema, sem calor pessoal, sem grandiosidade, na modéstia de pequenino alvo de raios catódicos, mas em nossa casa.

Não há, pois, a bem dizer, vencidos nem vencedores. Apenas o ser humano se reparte mais por solicitações que têm, cada uma, seus méritos e limitações. Que a TV ganha em assistência, sem dúvida. Mas teatros e cinemas continuam cheios, e o homem selecciona, nesta oferta, o que de momento mais o seduz. Cada um com suas qualidades. Todos com seus impactos específicos, com suas mensagens, como agora se diz, proporcionando mais comunicações num mundo onde paradoxalmente o homem se vai sentindo mais isolado, mais ilha perdida no oceano imenso da espécie.

S. Machado

saibam todos



Pavilhão das galeotas

QUEM CONHECE O MUSEU DE MARINHA?

Há tempos, em conversa a propósito do Museu, o seu Director comentava que os grandes visitadores eram os estrangeiros. O seu número superava o dos visitadores nacionais. De facto, os folhetos e postais em português iam durando... enquanto os que tinham sido impressos em inglês e francês se esgotavam a ritmo rápido.

Se é de lamentar que qualquer lisboeta ou visitante nacional não conheça o nosso Museu de Marinha, é já um escândalo que o não conheçam os marinheiros.

Repositório de uma vasta tradição naval, o Museu de Marinha merece bem que o conheçam e recompensa de sobra o tempo gasto na visita.

Instalado no Convento dos Jerónimos e prolongando-se por edifícios novos construídos para o efeito, situa-se em local cheio de evocações históricas.

Apesar de empobrecido pelo incêndio que o devastou, há bastantes anos, quando esteve instalado noutro local, renasceu das cinzas e, hoje, aí está, em lugar condigno, patenteando as suas magníficas colecções de modelos históricos, desafogadamente expostos, e as mil e uma peças que constituem o seu recheio e que são evocadoras de uma tradição inesgotável.

Quem tenha entrado pela porta oeste do Convento e tenha percorrido, em agradável sequência, as salas que se vão abrindo ao olhar curioso do visitante, será recompensado no termo dessa magnífica ronda pelo espectáculo ímpar do pavilhão das galeotas e bergantins — coisa única e que, por si só, justificaria a visita.

Se és marinheiro, não deixes de conhecer aquilo que traduz, pelo que evoca do passado, a razão de o seres.

SAIBAM TODOS...

Que os Serviços Sociais das Forças Armadas (SSFA) têm por principal finalidade facilitar, moral e materialmente, a satisfação das necessidades de ordem social da família militar.

Que à 5.ª Repartição da DSP incumbe estudar os assuntos de Bem-Estar, propondo a criação de facilidades, efectuando o registo e divulgação das já disponíveis e mantendo um serviço de informação aberto ao pessoal e seus agregados familiares durante as horas de expediente.

Que os sargentos e praças que prestam serviço, com carácter permanente, nas unidades de *mergulhadores sapadores*, usam um distintivo no ombro esquerdo, *formado por um cordão azul-claro...*

Que nos *uniformes de serviço interno* não se usam *distintivos de especialização.*

Que as letras «*SP*» cosidas nas braçadeiras do pessoal de fiscalização de praias significam «SERVIÇO DE POLÍCIA».

Que *só há fitas para boné* com a legenda «Armada» ou «NRP...», pertencendo as primeiras ao pessoal a quem são distribuídas e as segundas ao navio em causa.

Que são consideradas *infracções ao Regulamento de Uniformes:* o *uso ou posse* de artigos diferentes dos padrões, quer essa diferença seja no talho, no tamanho, na cor ou até

mesmo na qualidade do tecido; a *falta de asseio ou de cuidado* nos artigos apresentados; a *falta de botões, presilhas, distintivos, divisas, passadeiras*, etc.; o uso dos artigos de *maneira diferente* daquela para que foram criados (sobretudo, casacão, gabardina pelos ombros, golas levantadas- etc.); o uso dos artigos com *fitas ou atacadores desapertados ou com botões desabotoados*, salvo quando for autorizado pelo próprio Regulamento; o *uso de objectos estranhos ao Regulamento* (correntes, cachecol de padrão diferente, camisas de cor, sapatos de cor ou com enfeites, gravatas de cor, etc.), excluído o apito e respectiva suspensão de algodão branco quando em serviço interno.

A Lisnave tem docas secas para navios até 300 000 TDW e uma em construção para 1 000 000 TDW. No ano passado recebeu 219 navios, com as seguintes dimensões:

De 280 000 a 362 000 TDW...	*5*
De 150 000 a 250 000 TDW...	*27*
De 90 000 a 150 000 TDW...	*29*
Navios de — 90 000 TDW...	*158*
Total	*219*

O embarque dos pilotos nestes navios gigantes constitui um problema sério. Basta atentar em que, com os navios em lastro para entrar nas docas os calados devem ser da ordem dos 18 pés a ré e 14 a vante em vez dos 65 ou 85 carregados. Somando à diferença o bordo livre — 20 ou 25 pés — ficamos com uma altura de borda de cerca de 82 pés < > 25 metros.

Quase todos têm escadas que içam mecânicamente mas já sucedeu avariar-se o mecanismo de içar e o piloto ficar agarrado com unhas e dentes à escada, à altura de um 3.º andar!

Em Lisboa os pilotos começaram a ser içados numa espécie de cesto mas o sistema mais eficiente será o do embarque por helicóptero. Enquanto isto não for possível o melhor será o piloto ir via aérea embarcar no porto donde vem o navio. Na saída seguirá até ao 1.º porto de escala.

---

reportagem

VISITA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA AO INSTITUTO HIDROGRÁFICO

No passado mês de Abril, Sua Excelência o Presidente da República deslocou-se em visita oficial ao Antigo Convento das Trinas onde se encontram a funcionar provisòriamente as instalações do Instituto Hidrográfico.

Recebido pelo Ministro da Marinha, Director-Geral, e Subdirector, oficiais e funcionários civis superiores em serviço naquele estabelecimento, o Chefe do Estado, após ter sido elucidado através de uma exposição feita pelo Almirante Director-Geral, das linhas mestras da organização do Instituto e das principais actividades em curso, percorreu atenta e demoradamente as instalações onde funcionam os vários serviços que constituem aquele estabelecimento da Armada.

Após a visita o Presidente da República almoçou na messe dos Oficiais do Instituto, tendo-lhe sido oferecida como lembrança, uma fotocópia da prancheta do levantamento hidrográfico da Berlenga, Estela e Farilhões, realizado em 1931 pelo Cap.-ten. Américo Deus Rodrigues Thomaz e que foi o primeiro trabalho que realizou como Chefe da Missão Hidrográfica da Costa de Portugal.

NOVO INTENDENTE DAS CAPITANIAS

No passado mês de Maio, perante o Director-Geral dos Serviços de Fomento Marítimo, contra-almirante Garcia Braga e com a assistência de outros oficiais generais e superiores, assumiu o cargo de Intendente das Capitanias o comodoro Malheiro do Vale que sucede nestas funções ao comodoro Valeriano Gomes, que acaba de ser transferido para o Quadro da Reserva.

Neste acto, foi igualmente imposta pelo contra-almirante Garcia Braga ao comodoro Valeriano Gomes a medalha de Mérito Militar de 1.ª classe com que o Ministro da Marinha decidira agraciá-lo pelos elevados serviços prestados à Marinha durante mais de quarenta e dois anos.

REGRESSO DO ULTRAMAR DA FRAGATA «ÁLVARES CABRAL»

Terminada a sua comissão de serviço em Moçambique, regressou no passado mês de Maio à Metrópole a fragata «Álvares Cabral».

Sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra Soares Parente este navio perfez cerca de 17 meses de permanência naquela Província, tendo navegado perto de 4500 horas e realizado grande número de operações e tarefas de transporte logístico e apoio a Destacamentos de Fuzileiros Especiais.

A receber esta unidade deslocou-se o bordo o Comodoro Malheiro do Vale, que apresentou, em nome do Ministro da Marinha e do Chefe do Estado Maior da Armada, desejos de boas vindas à guarnição.

REUNIÃO DE UM CURSO DA ESCOLA NAVAL

No passado dia 3 de Maio reuniu-se num jantar de confraternização num restaurante da capital o curso da Escola Naval (1947-49) que tem por patrono Pedro Álvares Cabral.

Em animado convívio e plena camaradagem decorreu a reunião e repasto, tendo sido este ano convidado de honra deste grupo de oficiais o Comandante Pires Cabral, que foi instrutor de Cálculos Náuticos deste Curso na Escola Naval.

VISITA A LISBOA DO «JUAN SEBASTIAN DE ELCANO»

De 14 a 19 de Maio esteve no nosso porto o navio-escola espanhol «Juan Sebastian de Elcano» em viagem de instrução de guarda-marinhas.

Além da comparticipação em várias cerimónias, os oficiais e guarda-marinhas efectuaram uma visita à Escola Naval e pela guarnição daquele navio foi prestada homenagem aos Navegadores Portugueses, no Padrão dos Descobrimentos, em Belém, onde o Comandante do «Juan Sebastian de Elcano» depositou uma coroa de flores, na presença do Embaixador de Espanha e do Ministro da Marinha de Portugal.

NOVO DIRECTOR DA ESCOLA DE MESTRANÇA E MARINHAGEM

Com a assistência dos contra-almirantes Garcia Braga e Gomes Ramos, respectivamente Director-Geral dos Serviços de Fomento Marítimo e Presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante, realizou-se na Escola de Mestrança e Marinhagem, em Caxias, a posse do novo Director daquela Escola, capitão-de-fragata João da Fonseca Caxaria.

SHAPEX 71

O vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, chefe do Estado-Maior da Armada, deslocou-se à Bélgica no passado mês de Maio, a fim de assistir em Bruxelas à Reunião Anual dos Chefes dos Estados-Maiores das Forças Armadas dos países signatários da N. A. T. O., reunião que teve a designação de SHAPEX 71.

PRÉMIO GOVERNADOR DA GUINÉ

De licença na Metrópole beneficiando da atribuição deste prémio, foram recebidos pelo Ministro da Marinha o cabo FZE n.º 5012, Acácio Soares Rodrigues Marmelo, e o grumete FZE n.º 766/68, António Antunes Afonso, ambos do Destacamento n.º 12 de Fuzileiros Especiais.

Com a assistência do vice-chefe do Estado-Maior da Armada e de outros oficiais, estas duas praças foram felicitadas pelo seu comportamento demonstrado em combate, tendo-lhes sido entregues pelo Ministro da Marinha algumas lembranças de carácter pessoal.

O ALMIRANTE PEREIRA DA SILVA, EXEMPLO DE DEVOÇÃO PELA MARINHA

Subordinada a este título e com a presença de membros do Governo, membros do Centro de Estudos de Marinha e do juiz-conselheiro Fernando Pereira da Silva, filho do homenageado, o director do jornal «A Capital», Sr. Maurício de Oliveira, proferiu uma conferência no passado mês de Maio, integrada na comemoração do primeiro centenário do nascimento daquele antigo Ministro, que despertou o maior interesse entre a numerosa assistência.

Referiu-se o conferencista à actuação daquele distinto oficial-general durante a sua permanência a bordo, à sua participação na Primeira Grande Guerra comandando o contratorpedeiro «Douro» e também como Ministro da Marinha, posição em que consagrou todos os seus esforços e alta capacidade no estudo e solução dos problemas navais numa época em que a Marinha lutava com falta de unidades e grandes dificuldades, pugnando sempre pela sua defesa e engrandecimento.

CAMPANHA DE SEGURANÇA NAS PRAIAS — 1971

Na Sala de Conferências da Direcção-Geral dos Serviços de Fomento Marítimo, realizou-se uma sessão de esclarecimento aos órgãos da informação sobre as actividades desta campanha para o ano de 1971.

O capitão-tenente Martinha, chefe do Serviço de Assistência nas Praias, relembrou o trabalho realizado até à data e esclareceu a acção programada para o corrente ano, pondo em destaque a colaboração prestada pelas Corporações de Bombeiros e a intenção de ser levada no decorrer do ano a presente campanha às águas interiores do País.

JURAMENTO DE BANDEIRA NA ESCOLA NAVAL

Sob a presidência do chefe do Estado-Maior da Armada, realizou-se na Escola Naval a cerimónia da ratificação do Juramento de Bandeira dos aspirantes dos cursos «Diogo Gomes», «D. Manuel I» e «Almirante Afonso Cerqueira» e 2.º curso de cadetes da Reserva Naval de 1969-70.

A cerimónia decorreu com muito brilho, para o que largamente contribuiu o grande número de alunos em parada — 333, o maior efectivo de sempre — distribuídos em 4 cursos do activo e 2 cursos da Reserva Naval.

HINO DA EUROPA

No movimento inevitàvelmente lento, mas firme, contínuo, definido, duma união dos povos Europeus, sucedendo a associações regionais de mercados comuns, ou comércios livres, e outros, até, ultrapassando o económico para ensaiarem o político, não choca a proposta, aparecida em notícia, de se adoptar um Hino da Europa.

Seria a final magnífica e majestosa da 9.ª sinfonia de Beethoven, chamada «Ode à Alegria». Tal proposta foi revelada em entrevista concedida à O.R.T.F., ou Rádio-Televisão Francesa, por Lujo Toncic Sorinj, secretário-geral do Conselho da Europa. Depois das diligências, ainda em curso, para a moeda única, o Hino da Europa. Será?

CORVETA «AUGUSTO DE CASTILHO»

Sob o comando do capitão-tenente Malheiro Garcia, largou de Lisboa para comissão no Ultramar a corveta «Augusto de Castilho».

CONFERÊNCIA DO ALMIRANTE ECCLES NO INSTITUTO SUPERIOR NAVAL DE GUERRA

O Almirante Henry E. Eccles, professor do U. S. Naval War College, proferiu no Instituto Superior Naval de Guerra uma conferência subordinada ao tema «Relações entre a Estratégia, a Táctica e a Logística».

Na presença do Chefe e Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada, outros oficiais-generais e alunos dos cursos, o conferencista dissertou sobre os vários pontos do esquema da sua lição, focando em especial as perspectivas que deve ter um comando em operações, estabelecendo os sistemas de ligação entre a estratégia, a táctica e a logística, a importância que assumem no seu conjunto e a necessidade de não ser valorizada qualquer delas em prejuízo das restantes.

APOSENTAÇÃO DO PILOTO-MOR

Foi aposentado o Piloto-Mor da Corporação dos Pilotos do Rio e

Barra de Lisboa, Sr. José Painço Partidário que serviu a Corporação durante 35 anos.

O novo Piloto-Mor é o Sr. João Marnoto.

Ao Sr. José Painço Partidário, por altura da sua aposentação foi oferecido um almoço de homenagem que reuniu cerca de 150 convivas.

VISITA DE ANTIGOS ALUNOS À ESCOLA NAVAL

Um grupo de 14 antigos alunos visitou a Escola Naval comemorando deste modo o cinquentenário da sua entrada para a Escola.

Constituíam este grupo os almirantes Ramos Pereira, Oliveira Júnior, Flávio de Oliveira e Sousa, comandantes Luís Bastos, Ferreira de Oliveira, Coutinho Lanhoso, Borges de Carvalho, Santiago Ponce, Soares de Oliveira, Horácio Rebordão, Basto Carreira e engenheiros Rodrigues dos Santos e Aluino Silva.

Foi descerrada uma lápida comemorativa da visita, seguindo-se um animado almoço de confraternização com os professores e actuais alunos.

CHEGADA DE UMA NOVA UNIDADE

Construída nos estaleiros da Empresa Bazan de Construções Navais Militares em Espanha e recentemente entregue à nossa Armada, chegou ao porto de Lisboa, sob o comando do Capitão-Tenente Hasse de Oliveira, a corveta «Honório Barreto», segunda da série de três que aquela empresa está a construir para Portugal.

OFERTA À MARINHA DO TROFÉU DO CAMPEONATO DE MOTONÁUTICA DOS E.U.A.

O Eng.º António Guerra Rodrigues, natural de Ovar e residente há 23 anos nos Estados Unidos, conquistou o título de campeão nacional daquele país, em motonáutica, na fórmula 7 litros. Deslocando-se propositadamente a Portugal com o objectivo de oferecer à Marinha o troféu conquistado, bem como uma miniatura do modelo da sua embarcação a que dera o nome de «Sagres», demonstrou o seu lusitanismo e o amor que consagra às coisas do mar.

Por decisão do Ministro da Marinha, por quem o Eng.º Guerra Rodrigues foi recebido em audiência, o troféu e a miniatura do barco foram confiados ao Museu de Marinha em cujo património vão ser integrados.

Conjunto em plena actuação na Base Aérea de Bissau

UMA EMBAIXADA MUSICAL NA GUINÉ E CABO VERDE

Nem as pessoas nem as coisas são fruto da mera casualidade. A música também não aparece ao acaso. O esforço, trabalho, sacrifício, persistência e dinamismo estão na base de qualquer obra, de qualquer realização.

Assim aconteceu com o aparecimento do Conjunto Musical «Os Náuticos» no Grupo 2 de Escolas da Armada. Recordo muito bem como um e outro elemento que hoje compõem o Conjunto foram aparecendo. Recordo também como o instrumental foi adquirido. E, quer num campo quer noutro, foram muitas as dificuldades a superar.

Contudo, valeu a pena. Das reuniões da Associação dos Marinheiros Católicos, o campo obscuro de grandes sementeiras, onde «Os Náuticos» trautearam os primeiros acordes, viriam a ser projectados para grandes auditórios, grandes palcos, grandes festas; projectados para a grande imprensa, a rádio e a televisão. Mas, continuamos a dizer, as coisas não nascem por acaso. E também não foi casualmente que «Os Náuticos» saíram do Grupo 2 de Escolas para fazer uma digressão pelas Províncias da Guiné e Cabo Verde. Dos seus efeitos e das suas vantagens poderiam falar as várias centenas ou os vários milhares de elementos das Forças Armadas para quem «Os Náuticos» actuaram. Marinha, Exército e Força Aérea, sem referenciar a inúmera população civil, em Buba, Farim, Ganturé, Bigene, Vila Cacheu, Bolama, Teixeira Pinto, Cumeré e Bissau, na Guiné, e ainda em Mindelo, na ilha caboverdiana de S. Vicente, constituíram, de mãos dadas, o auditório activo, alegre e entusiasta de «Os Náuticos».

Aqui e além, na cidade ou no mato, em estádios ou em pequenos recintos, em grandes salas de espectáculo ou em telheiros resguardados por muros de «bidons», foram «Os Náuticos» portadores de uma sã alegria e boa disposição.

Talvez nunca a música tivesse uma linguagem tão eloquente para aqueles milhares de marinheiros e soldados! Disso se tornaram eco os seus pedidos: fiquem ou voltem depressa.

Porém, «Os Náuticos» tinham de regressar à Metrópole.

Nos hospitais tinham deixado um sinal de esperança, nas picadas um rasto de alegria, no mato um apelo de coragem, em toda a parte um pouco de conforto.

E se muito eles deixaram de si, transformado em música, muito eles trouxeram transformado em vontade de mais poder dar.

Aspecto do desfile das Forças em Parada

DIA DE PORTUGAL

No dia 10 de Junho celebrou-se uma vez mais o Dia de Portugal, com a concentração na Praça do Comércio de cerca de 4.000 homens das unidades da guarnição militar de Lisboa, da Armada, Força Aérea, estabelecimentos militares e corporações militarizadas.

Perante Suas Excelências o Chefe do Estado e Presidente do Conselho, outros membros do Governo, altas entidades civis e militares e autoridades religiosas, foram condecorados 100 militares de várias patentes e de diversas armas, alguns a título póstumo.

Das condecorações atribuídas destacam-se duas medalhas da Ordem Militar da Torre e Espada, entregues pelo Chefe do Estado ao 1.º sargento de infantaria Manuel Isaías Pires e ao 2.º sargento fuzileiro especial Martins Teixeira.

desportos

CAMPEONATOS INTERNACIONAIS DO DESPORTO MILITAR

Há 22 anos foi criado o CONSELHO INTERNACIONAL DE DESPORTO MILITAR; presentemente o CISM abrange 41 nações entre as quais Portugal, com representantes efectivos na organização através dos seus chefes de delegação e 18 países, na situação de convidados, que, assistindo às reuniões oficiais, preparam a sua admissão na organização.

Este ano a XXV Assembleia elegeu presidente do CISM o contra-almirante Massarini, da Marinha Italiana, e através do director da Academia o coronel Frank J. Kobes (U.S. Army); nesta assembleia foram definidos os verdadeiros objectivos da competição atlética, que foram propostos aos dirigentes, atletas e treinadores que participaram na competição do CISM, e que são os seguintes:

— respeito pela personalidade, integridade e sinceridade;
— abertura do espírito no que respeita a venalidade e complexos;
— sentido de responsabilidade em face das dificuldades;
— atitude científica que conduz ao julgamento verdadeiro sobre os processos de treinamento;
— tolerância, indispensável no mundo moderno;
— respeito da autoridade, por uma adesão inteligente às regras do desporto;
— adaptação ao trabalho em comum no meio do grupo que constitui a equipa;
— desenvolvimento do sentido estético;
— respeito pela saúde e pelas normas da vida.

O problema essencial reside, pois, na motivação dos dirigentes, na sua capacidade em reconhecer os objectivos a atingir e na coragem de tomar iniciativas, num vasto movimento tendo em vista promover as qualidades fundamentais dum programa.

Finalmente, foi elaborado o Programa de Actividades, que engloba 5 títulos:

DESPORTOS MILITARES; DESPORTOS INDIVIDUAIS; DESPORTOS DE COMBATE; DESPORTOS DE EQUIPA; REUNIÕES OFICIAIS.

No calendário do CISM para 1971, Portugal figura nas actividades englobadas nos Desportos Militares, nas provas de TIRO, a realizar em Thun (Suiça), de 5 a 12 de Julho, e de PÁRA-QUEDISMO, a efectuar em Sintra, de 3 a 12 de Setembro.

REABERTURA DA PROVA DE ESGRIMA «PRÉMIO COMANDANTE SOARES DE OLIVEIRA»

Interrompida durante 10 anos, reatou-se na Escola Naval a disputa da prova de esgrima «Prémio Comandante Soares de Oliveira», tendo-se realizado, com a colaboração da Federação Portuguesa de Esgrima, uma sessão desta prova, à qual presidiu o Comandante da Escola Naval e a que assistiram membros da família do falecido Comandante Soares de Oliveira, entre os quais o Director da Revista «Defesa Nacional», muitos professores e alunos.

Foram os seguintes os resultados obtidos:

1.º — Aspirante VALENTE ZAMBUJO.
2.º — Aspirante BOSSA DIONÍSIO.
3.º — Aspirante BELLEM RIBEIRO.
4.º — Aspirante ALMEIDA GONÇALVES.
5.º — Aspirante PINTO TEIXEIRA.
6.º — Aspirante SANCHEZ DA SILVA.
7.º — Aspirante FARINHA VARGAS.

FUTEBOL

Actividade desportiva com navios estrangeiros de Janeiro a Abril:

No relvado do CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ARMADA realizaram-se os seguintes encontros:

FORÇA NAVAL DA N. A. T. O., 0
FORÇA NAVAL FRANCESA, 2
C. E. F. A. (alunos monitores), 6
FRAGATA «PRESIDENTE KRUGER» (África do Sul), 1
C. E. F. A. (monitores), 1
FORÇA NAVAL FRANCESA, 2
C. E. F. A. (alunos monitores), 4
«U. S. S. BIGELOW» (Força Naval da N.A.T.O.), 3

PENTATLO MODERNO

No castelo de KARLBERG, em ESTOCOLMO, de 29 de Junho a 4 de Julho realizou-se uma das mais aliciantes provas do calendário do CISM — O PENTATLO MODERNO.

Participaram 8 países: Alemanha, Áustria, Estados Unidos, França, Holanda, Itália, Suíça e Suécia. É significativo o número de concorrentes ser dos mais diminutos: o Pentatlo Moderno é das competições que exigem mais elevadas qualidades, quer atléticas, quer técnicas, pelo que os países concorrentes são precisamente aqueles em que o desporto atingiu maior nível.

A prova compreende 5 modalidades:

ESGRIMA — TIRO — NATAÇÃO — CORTA-MATO — EQUITAÇÃO.

Por restrições financeiras e número limitado de pessoal disponível decidiu-se realizar o Pentatlo em 3 dias.

Assim, o primeiro dia foi reservado para a Equitação e Natação, o segundo para a Esgrima e o terceiro para o Tiro e Corta-Mato.

A prova de Equitação realizou-se nos terrenos do Estádio de Estocolmo, num percurso de 1000 metros com 20 obstáculos.

A Natação teve lugar na piscina coberta de Erikdalsbadet.

A prova de Esgrima absorveu totalmente o segundo dia, pois foi necessário realizar 864 assaltos!

Finalmente, separadas apenas por 4 horas, realizaram-se as provas de Tiro e de Corta-Mato, no último dia.

CLASSIFICAÇÃO FINAL

Individual.

1.º — S/ten. B. JANSSON (Suécia) — 5061 pontos.
2.º — Sarg. aj. W. LEU (Áustria) — 4928 pontos.
3.º — Sold. M. MEDA (Itália) — 4886 pontos.

Equipas

1.º — SUÉCIA — 14 601 pontos.
2.º — SUÍÇA — 13 893 pontos.
3.º — ITÁLIA — 13 830 pontos.

voz da abita

DIZEM-NOS QUE...

Esta secção, que «A REVISTA DA ARMADA» procurará manter com regularidade, destina-se a recolher pequenas notícias, sugestões, boatos, histórias, ditos, etc., relacionados com o ambiente naval e enviados especialmente pelos sargentos e praças. Os oficiais, aspirantes e cadetes naturalmente que, também, podem colaborar.

Assim, todos os que estiverem interessados nesta secção, poderão enviar a correspondência para «REVISTA DA ARMADA» (Voz da Abita), Ministério da Marinha, Lisboa-2.

FÁBRICA NACIONAL DE CORDOARIA

Secções de:

Talho
Peixaria
Charcutaria
Produtos alimentares diversos
Perfumaria
Papelaria
Brinquedos
Prendas
Pronto a Vestir e Confecções para Homens
Pronto a Vestir e Confecções para Senhoras
Pronto a Vestir e Confecções para Crianças
Utilidades
Artigos para uniformes
Artigos electrodomésticos
Móveis
Bar

SECÇÕES COMERCIAIS:

N.º 1 — Edifício do Ministério da Marinha
N.º 2 — Edifício da Fábrica Nacional de Cordoaria
N.º 3 — Edifício próprio — Alfeite

No Supermercado do Alfeite existe uma Secção onde poderão ser postos à venda quaisquer artigos desnecessários aos seus donos, mediante uma comissão de 6 %.

No Supermercado do Alfeite está em construção uma Farmácia e um Restaurante.

quarto de folga

À GUISA DE INTROITO

Nem só de pão vive o homem. Até o homem português, consumidor em percentagem apreciável do bíblico alimento, não restringe a manutenção da sobrevivência à única função de ingerir, primária e benfazeja, mas não única.

O trabalho, que (há quem diga) dá saúde e dá vigor, arroga-se exigências especiais de carburante, obrigando o homem (pretendente a livre, e autoclassificado de inteligente) a suar as estopinhas para conseguir a côdea, e a ingerir afinal a côdea para de novo suar as estopinhas. Quase vem a propósito perguntar, como na eterna dúvida do ovo e da galinha, se temos de comer para trabalhar, se temos de trabalhar para comer. Mas à fava com as filosofias. E então aqui! O diabo que as leve. Sim, porque, graças a Deus, o homem também adoptou o descanso (metemos o «graças a Deus» bem de propósito, pois, em verdade o sabemos, logo que fez a primeira criação, Deus também descansou. Fez o mundo de segunda a sábado e descansou ao domingo).

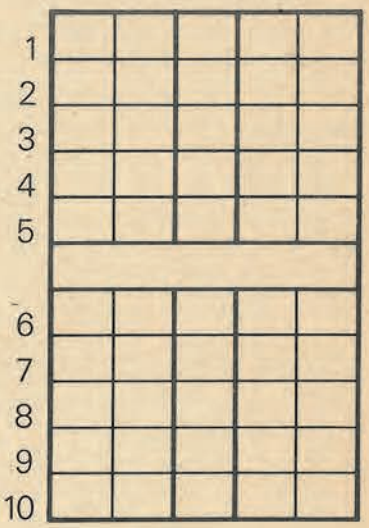
Pois, vai daí, nós, os trabalhadores do mar (há quem diga) também descansamos, claro, e com justo — justíssimo! — direito. No mar chamamos àquele pedacito de tempo que dá para fazermos as coisas que não podemos fazer enquanto trabalhamos, o «Quarto de Folga». E ele aqui está: o «QUARTO DE FOLGA».

Ora nós tivemos agora mesmo o cuidado de dizer «para fazermos as coisas que não podemos fazer enquanto trabalhamos», que é como quem diz, fazer qualquer coisa que não seja trabalho. Porque, verdade verdadinha, não fazer nada também é chato. E se o trabalho dá para o pão, o pão dá para o trabalho, mas nem só de pão (e de trabalho) vive o homem, fazer qualquer coisa sem trabalhar também tem de ter um nome. E o «Quarto de Folga» será, então, um passatempo. Aqui temos, pois, o «Quarto de Folga», e o que é — um passatempo. O nome diz tudo. Quando o homem deixou de caçar por não carecer da caça para sobreviver, mas continua a ir à caça, fá-lo para «matar» o tempo. Quando não é pescador e vai à pesca, é para passar o tempo. Quando se une em matrimónio e contribui para a perpetuação da espécie... mas... bom, adiante. Há uma data de coisas que o homem inventou (e até a mulher) para passar o tempo. Os jogos de cartas e de salão, os jogos de sociedade, os jogos dos campos arrelvados e de terra batida, o turismo e as palavras cruzadas, os contos e novelas, o romance e histórias de quadradinhos, ir ao teatro a ver as figuras que faz na vida, ir ao cinema, à praia, à cidade, quando vive na aldeia, e à aldeia, quando vive na cidade, gastar dinheiro, gastar gasolina, gastar paciência, às vezes gastar a vida, tudo como passatempo, é hoje autêntico desafio à capacidade de resistência do homem para os momentos de descanso. Consomem-se milhões, trabalha-se espantosamente, sábados, domingos, feriados nacionais e dias santos de guarda, tudo para reinventar, renovar, conceber, proporcionar esta invenção simples e inocente que se tornou obcecação humana: passar o tempo.

No nosso caso, a pretensão é bem modesta, enquadrada em tal ritmo universal. «Quarto de Folga» quer apenas estar convosco, ir na REVISTA DA ARMADA para um convívio ameno, para umas perguntas de algibeira, para umas palavras cruzadas que entretenham e ilustrem, para um xadrez, umas damas ou um bridge que suscitem o gosto de encontrar a solução, para a anedota que alivie de maus humores, e, enfim, para o mais que com o tempo se verá.

A nossa mensagem pretende ser de boa disposição, que nem só de pão vive o homem. Assim seja.

PILHA DE PALAVRAS



1 — Imitação.
2 — Nata.
3 — Crosta do pão.
4 — Branquear roupa.
5 — Corpo simples, gasoso, de cheiro activo e sabor cáustico.
6 — Decorações teatrais.
7 — Zelo.
8 — Fosso.
9 — Corporação de sacerdotes.
10 — Unir.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central o leitor encontrará o nome de um célebre matemático e astrónomo português do século XVI.

Este passatempo apresenta a particularidade de as palavras se iniciarem pela letra «C».

(Solução na pág. n.º 33)

«Passagem de modelos»

Reboque de braço dado

Os desenhos que se reproduzem e que são da autoria do Comandante Augusto Soares de Oliveira fazem parte de uma colecção de postais a cores, em hora feliz editados e hoje absolutamente esgotados, pelo que constituem verdadeira raridade.

O Comandante Augusto Soares de Oliveira foi exímio caricaturista que, com notável habilidade, sabia imprimir ao traço da sua pena o toque humorista adequado ao estabelecimento do equilíbrio entre a crítica e a graça. Assim, e como contributo ao valor da sua arte, vai a «Revista da Armada» fazer nas suas páginas o arquivo da colecção daqueles postais, alertando o leitor para a época em que os mesmos foram feitos — há cerca de 50 anos — e que justifica a desactualização dos trajos, tipos e ambiente retratados.

CONCURSO

sorteio de um prémio entre as respostas certas.

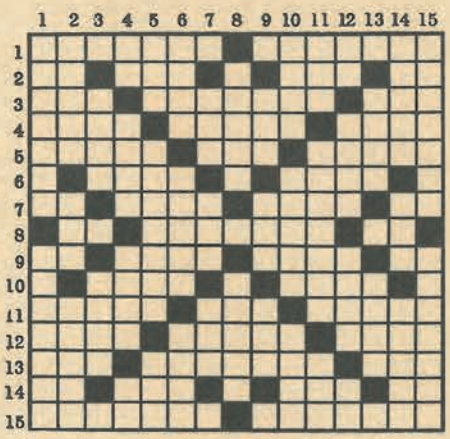
Uma patrulha de fuzileiros, em pleno mato, teve dúvidas no caminho a seguir para atingir determinada aldeia e dirigiu-se a um nativo, a perguntar. Porém se o africano fosse amigo só falaria verdade, se não fosse amigo só falaria mentira.

O chefe da patrulha, não sabendo a qualidade do africano, pensou um pouco e fez-lhe a pergunta de tal jeito que, falando o outro verdade ou mentira, a resposta seria sempre a certa.

Que pergunta fez o chefe da patrulha?

PALAVRASCRUZADAS

(Passatempo n.º 1)



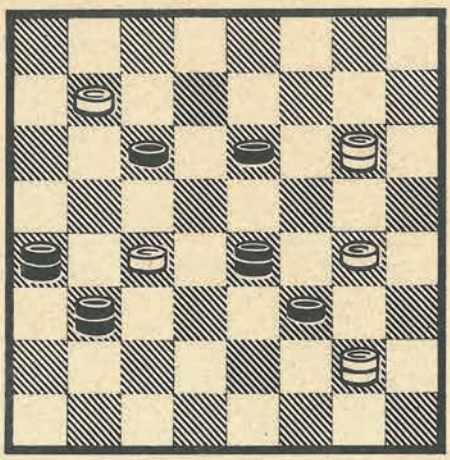
Horizontais: 1 — Bonita; dardejar. 2 — Único; nome de homem; greda branca; pedra de moinho. 3 — Também não; elegante; ilha grega. 4 — Nome de homem; doença das uvas; em terra estranha. 5 — Xácaras baseadas em lendas escandinavas; consta; osso par da face. 6 — Cheiro; apelido do maior dos nossos navegadores. 7 — Aqueles; líquido gorduroso; cercadura; isolado. 8 — De outro modo; estado governado por imperador; sem roupa. 9 — Artigo (pl.); transfere para outro dia; talófita com clorofila que vive nas águas; acolá. 10 — Impulso; esfera. 11 — Vaidosas; decâmetro quadrado; comunidade religiosa. 12 — Juntar; ferro passado à fieira; malhadouro. 13 — Itinerário; rua ladeada de árvores; adivinhar. 14 — Figurava; termo; data; bário (s.q.). 15 — Determinar; os homens de outros tempos.

Verticais: 1 — Sinistro; nome de homem. 2 — Letra grega; sinal de perigo no mar; detestar. 3 — Feiticeiro; combina. 4 — Ruim; rio português; puxar; lealdade. 5 — Reze; firmes; rio de França. 6 — Prudência; libertar; o vão do cano da espingarda. 7 — Repetição; capa; altar. 8 — Receios; textura. 9 — Sedimento; portanto; nome de letra. 10 — Cada uma das partes em que se divide uma peça teatral; insecto ortóptero; paraíso terreal. 11 — Raiva; êxito desfavorável; subdivisão de um capítulo (abrev.). 12 — Igreja; reputação; inaugura; grito de dor. 13 — Grude; magistrado romano encarregado da inspecção e manutenção dos edifícios públicos. 14 — Fruto; meridião; a parte mais recôndita do Inferno. 15 — Enfiada (fig.); equiparas.

(Solução na pág. n.º 33)

Com franqueza, Nicas, para irmos de visita a bordo, esse decote parece-me um pouco exagerado!

DAMAS



Jogam as brancas e ganham em quatro lances

ANEDOTA

No dia do lançamento de nova emissão filatélica, um cliente apresenta-se na estação dos C.T.T. e pede três selos. É servido, paga, e depois pede à empregada:

— Podia fazer o favor de tirar o preço, que são para oferecer.

PILHA DE PALAVRAS (Solução)

1 — Cópia.
2 — Creme.
3 — Côdea.
4 — Corar.
5 — Cloro.
6 — Cenas.
7 — Ciúme.
8 — Canal.
9 — Clero.
10 — Casar.

(PEDRO NUNES)

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do passatempo n.º 1)

Horizontais: 1 — Formosa; faiscar. 2 — Um; Ari; cré; mó. 3 — Nem; esbelta; Cós. 4 — Egas; oídio; fora. 5 — Sagas; soa; malar. 6 — Odor; Gama. 7 — Os; óleo; orla; só. 8 — Ou; império; nu. 9 — Os; adia; alga; lá. 10 — Alor; orbe. 11 — Tolas; are; ordem. 12 — Adir; arame; eira. 13 — Via; alameda; ler. 14 — Ia; fim; era; Ba. 15 — Ordenar; antigos.

Verticais: 1 — Funesto; Octávio. 2 — Ómega; S. O. S.; odiar. 3 — Mago; alia. 4 — Má; Sado; alar; fé. 5 — Ore; sólidos; Ain. 6 — Siso; remir; alma. 7 — Bis; opa; ara. 8 — Medos; trama. 9 — Lia; ora; eme. 10 — Acto; grilo; eden. 11 — Ira; malogro; art. 12 — Sé; fama; abre; ai. 13 — Cola; edil. 14 — Amora; sul; érebo. 15 — Rosário; armaras.

notícias pessoais

Ao criar esta rubrica, pretende a «REVISTA DA ARMADA» manter os seus leitores e nossos camaradas ao corrente dos acontecimentos importantes da vida de cada um, com a finalidade de sabermos uns dos outros, para que nesta «grande família» seja cada vez mais verdadeiro o interesse e camaradagem que nos une a todos.

Há certamente muitas omissões, para as quais pedimos desde já desculpa.

CASAMENTOS

2.º Ten. AN. — JOSÉ MANUEL GOMES, casou em 20-2-971 com D. Umbelina de Jesus Santos Mariano.

Cap. Ten. — CARLOS FERNANDO DIAS SOUTO, casou em 27-2-971 com D. Brenda Kay English.

2.º Ten. — PEDRO MANUEL PLÁCIDO CORAL COSTA, casou em 9-3-971 com D. Maria Isabel Seixas da Cunha Chagas Coral Costa.

2.º Sarg. E — MARQUES, casou em 24-4-970 com D. Maria Luísa Amaral Cardoso Marques.

2.º Sarg. ACM — CASIMIRO, casou em 25-4-971 com D. Maria Odete Correia Alves Casimiro.

173/64 mar. S — PINTO, casou em 13-2-971 com D. Maria Irene Faria de Freitas.

539/64 mar. M — GONÇALVES, casou em 14-3-971 com D. Maria Gilda Martins Ledo Gonçalves.

57/65 C. ARE — PEREIRA, casou em 11-4-971 com D. Maria Helena Martiniano Pereira.

1596/65 Mar. C — SIMÕES, casou em 11-4-971 com D. Maria Madalena Correia de Oliveira Simões.

9031 Mar. TFH — PADRELA, casou em 12-4-971 com D. Maria de Lurdes Geraldes.

PASSAGENS À RESERVA

Cap. Ten. — JOSÉ JOÃO DE FREITAS RIBEIRO MAUTEMPO, passou à RAa em 5-3-971, passando a licenciado.

Cap. m. g. — ADELINO AUGUSTO DOS SANTOS VIEIRA, colocado na situação de RAa desde 16-3-971, ficando licenciado.

Cap. Ten. RAa — ANTÓNIO DIAS ALEMÃO, passou à situação de licenciado em 13-4-971.

2936 C. F — AMÂNDIO PENETRA, passou à Reserva Aa em 4-5-971.

4052 C. F. — MANUEL SOARES, passou à Reserva Aa em 12-5-971.

410 S. Aj. A — JOSÉ LUZ AMORES, passou à Reserva Aa em 15-5-971.

1040 mar. Aux. — FERNANDO ALVES, passou à Reserva Aa em 18-5-971.

PASSAGEM À REFORMA

C/Almirante RAa — JOSÉ FERNANDO TELES DE CASTRO MEXIA SALEMA, passou ao quadro de oficiais reformados desde 26-5-971.

APOSENTAÇÕES

JOSÉ FERNANDES TATO JÚNIOR, cabo-de-mar de 1.ª classe do quadro do pessoal civil.

JOSÉ MARIA GARCIA, marinheiro do troço do mar do quadro do pessoal civil.

FALECIMENTOS

Comodoro AN RAa — FERNANDO PINTO SOARES, faleceu em 10-4-971.

C/Almirante Ref. — MANUEL ARMANDO FERRAZ, faleceu em 23-4-971.

1.º Ten. Ref. — CARLOS AUGUSTO LEMOS, faleceu em 23-4-971.

650 1.º Sarg. A — CELESTINO DA CONCEIÇÃO, faleceu em 1-4-971.

2727 C. TFD — ANTÓNIO SOARES FARIA, faleceu em 2-5-971.

1521/70 2.º Gr. FZ — JOÃO ANTÓNIO M. COREIXO, faleceu em 14-5-971.

2.º Faroleiro — JOAQUIM BATALIM DE SOUSA, faleceu em 13-5-971.

no mundo aconteceu

NA EUROPA

1 - *ITÁLIA*

Introduzida no país a lei do divórcio, o Vaticano protestou contra o facto, mas nota-se uma alteração na lei eclesiástica, que agora simplificou as formalidades de anulação dos casamentos religiosos.

2 - *IRLANDA*

Mantém-se a tensão entre as comunidades católica e protestante da Irlanda do Norte (que faz parte da Grã-Bretanha), havendo vários recontros, motins e atentados em bairros de BELFAST e LONDONDERRY. O exército inglês, chamado a manter a ordem, tem sido vítima de ataques de certa gravidade.
Os católicos, econòmicamente mais débeis do que os protestantes, pretendem a união com o resto da ilha (Irlanda do Sul — independente), enquanto os protestantes defendem a manutenção do país ligado à Inglaterra.

3 - *INGLATERRA*

Desde 1955 que a Grã-Bretanha entra em negociações para fazer parte do Mercado Comum Europeu, também chamado Mercado dos Seis ou Comunidade Económica Europeia. Vetado o seu ingresso pela França do General De Gaule, esta posição foi-se alterando nos últimos tempos e, finalmente, houve acordo dos países membros sobre as modalidades de participação da Grã-Bretanha nas instituições da Comunidade e também sobre a sua adesão à Comunidade Europeia do Carvão e do Aço.

4 - *UNIÃO SOVIÉTICA*

Regressaram em boas condições a território da União os três astronautas Soviéticos que, a bordo da nave «SOYUZ-10» cumpriram a missão que os levara ao espaço e ao encontro da estação orbital «SALYUT», que 3 dias antes da nave fora lançada em órbita. Os dois engenhos haviam voado unidos durante 5 horas e a manobra de atracação dos veículos espaciais realizou-se perfeitamente.

NA ÁFRICA

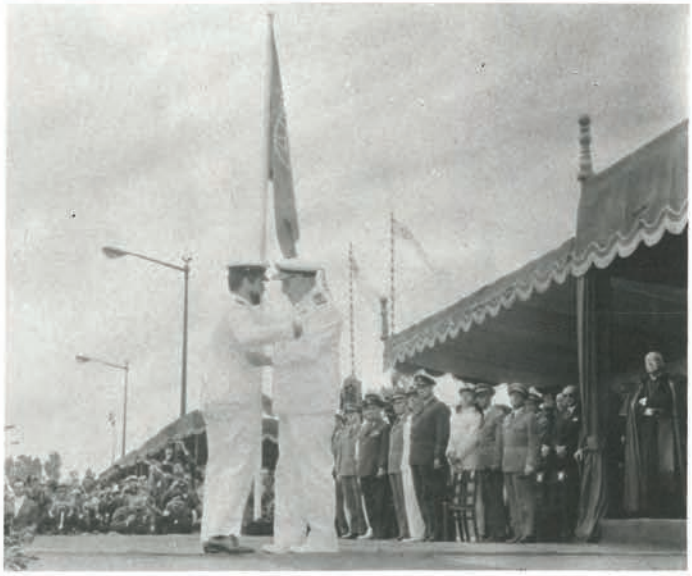
5 - *ETIÓPIA*

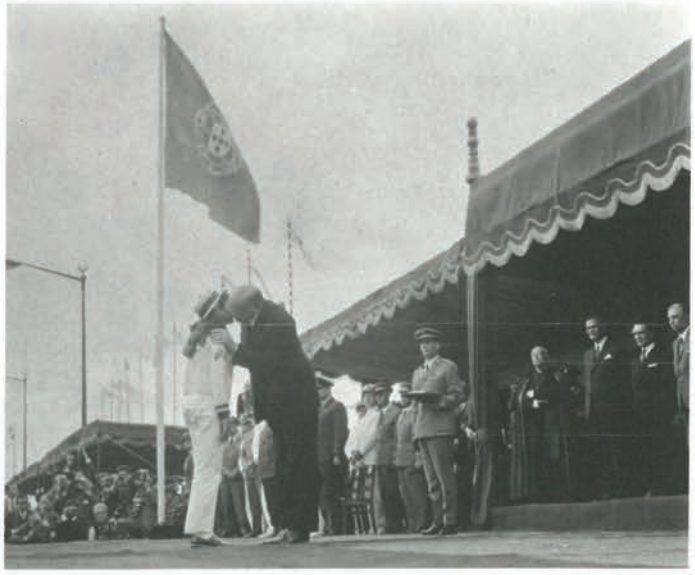
A reunião de alto nível da OUA decorreu na capital (ADIS-ABEBA), tendo sido dominada pelo anunciado diálogo que alguns países da África negra pretendem travar com a República da África do Sul, com vista ao reconhecimento mútuo, ajuda económica e industrial, trocas comerciais e auxílio ao desenvolvimento.

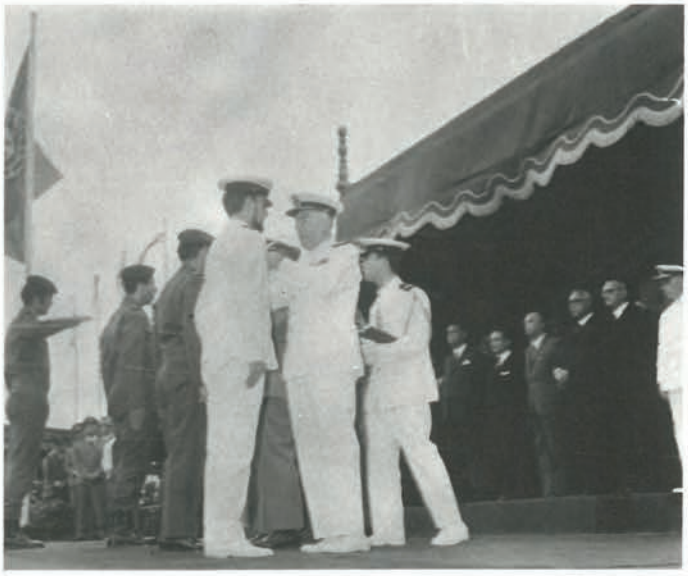
6 - *EGIPTO*

Continua encerrado o CANAL DO SUEZ, que liga o Mediterrâneo ao Mar Vermelho e é importante rota marítima do petróleo da Arábia para a Europa, enquanto nas suas margens as forças egípcias (lado ocidental) e israelitas (lado oriental) se vigiam mùtuamente, os observadores locais da ONU temem o recomeço das hostilidades e os diplomatas em várias capitais promovem reuniões políticas ou se dirigem ao CAIRO ou JERUSALÉM, com vista à solução do problema, que há mais de 20 anos opõe os judeus aos árabes.
O problema da PALESTINA iniciou-se com a formação do Estado de ISRAEL, em 1947. O território que, naquele ano, foi entregue à nação judaica (o território é um elemento indispensável à constituição dum Estado político), chama-se Palestina e os árabes que viviam na região encontram-se, desde aquele tempo e na sua maior parte, refugiados nos países vizinhos, aos quais criam, òbviamente, sérios problemas, vividos também com ansiedade por outras comunidades e países em todo o mundo. A pretensão dos árabes, portanto, é fazer sair, pela força, a nação israelita da Palestina, enquanto os judeus, por outro lado, e como se sabe, defendem tenazmente a posse desse território, o qual lhes garante a existência como Estado, refeito depois de vários séculos de êxodo e desmembramento da nação por várias partes do mundo.

DIA DE PORTUGAL (10 de Junho) **Homenagem às Forças Armadas**







GUINÉ

Navegando num rio da Guiné

MACAU

Vista da cidade

TIMOR

Batuque